

# NÓS DA ESCOLA

**RIO** PREFEITURA EDUCAÇÃO



## Ludicidade e história



Ponto e contra ponto:  
Ensino Fundamental  
em nove anos



Jogos  
Pan-americanos  
Uma conquista  
da **PREFEITURA**.  
Uma vitória  
do **RIO**.

CESAR MAIA  
PREFEITO

SONIA MOGRABI  
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA DE ASSIS  
PRESIDENTE DA MULTIRIO

MARCOS OZÓRIO  
DIRETOR DE MÍDIA E EDUCAÇÃO

MARIA INÊS DELORME  
DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E  
IMPRESSOS E JORNALISTA RESPONSÁVEL (MTB. 22.628)

MARCELO SALERNO  
DIRETOR DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO

ÉLIDA VAZ  
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E OUVIDORA

EQUIPE DE PRODUÇÃO:

GERÊNCIA PEDAGÓGICA  
CRISTINA CAMPOS  
JOANNA MIRANDA

GERÊNCIA DE JORNALISMO  
EDITORA

MARTHA NEIVA MOREIRA

SUBEDITOR

HUGO RANGEL DE CASTRO E SOUZA

EDIÇÃO DE TEXTO  
RENATA PETROCELLI

REPORTAGEM  
FÁBIO ARANHA  
CAROLINA BESSA

REVISÃO  
CÉSAR GARCIA

FOTOGRAFIA  
ALBERTO JACOB FILHO

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS  
ANTONIO CASTRO (GERÊNCIA E DIREÇÃO DE ARTE)  
GUAIRA MIRANDA (PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE)  
ALINE CARNEIRO (DIAGRAMAÇÃO)  
VIVIAN RIBEIRO (PRODUÇÃO GRÁFICA)

IMPRESSÃO  
CIDADE AMÉRICA ARTES GRÁFICA

TIRAGEM 36.500 EXEMPLARES







DESENHOS DE ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL DOM BOSCO  
VICTÓRIA CORREA DE ANDRADE (6 ANOS),  
RAVINE DA SILVA MINDA (6 ANOS)  
LAÍS CRISTINA FERREIRA DA CONCEIÇÃO (6 ANOS),  
RODOLFO MATIAS DA SILVA FILHO (6 ANOS)

- 4 editorial
- 5 cartas
- 6 zoom  
Como surgiu a brincadeira?
- 8 ponto e contraponto  
Seis anos: um novo marco na vida escolar da criança
- 10 artigo  
Incluir com êxito
- 13 carioca  
Quando integrar é a meta
- 16 século XXI  
Batuque bom de história
- 18 parceria  
Mutirão pela alimentação
- 19 pan 2007  
Destaque para o esporte
- 20 rede fala  
Bom leitor não se faz por acaso, é formado na infância
- 21 professor on line  
Educação mais em conta
- 22 caleidoscópio  
Das ruas às telas de cinema
- 24 olho mágico  
Novidades na programação
- 26 capa  
Em cada época, uma nova concepção do que é brincar
- 32 artigo  
O simbolismo do brincar da criança
- 34 atualidade  
Biblioteca criada a céu aberto
- 36 presente do futuro  
Avaliação que ensina
- 38 pé na estrada  
Novos horizontes em cena  
Pólos incubadores de talentos  
Exercício de criatividade
- 44 foi assim  
Porta de entrada da cidade
- 46 perfil  
Patrimônio musical do Brasil
- 48 agenda
- 49 tudoteca
- 50 MULTIRIO na TV

### Um pouco da história da ludicidade

A reportagem de capa desta NÓS DA ESCOLA mostra como o conceito de ludicidade, tão importante no contexto educacional, se desenvolveu ao longo da história. Toda a bibliografia existente sobre o tema, incluindo textos de estudiosos de história da cultura e de filosofia da educação, aponta para o fato de que a ludicidade e suas manifestações estão presentes na vida do homem em todas as fases da história.

A seção *Carioca* fala sobre o Favela-Bairro, um dos programas mais bem sucedidos da prefeitura do Rio de Janeiro, responsável pela integração das favelas ao resto da cidade. Iniciado em 1994, o programa já beneficiou cerca de 140 comunidades carentes. Na matéria você irá conhecer a história e alguns números do projeto.

Vale a pena conhecer também, na seção *Pan-2007*, as muitas atividades esportivas reservadas para o público em geral e especialmente para os alunos da Rede na Cidade das Crianças.

Partindo do episódio "Dia de Prova", da série *Presente do Futuro*, NÓS DA ESCOLA discute a avaliação escolar e seus reflexos no processo de aprendizagem, tanto para os alunos quanto para os professores.

Na seção *Perfil*, você conhecerá um pouco mais sobre a vida do grande compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos, cujo acervo musical está disponível ao público no museu de Botafogo que leva o seu nome.

Esses e muitos outros assuntos de interesse você encontrará neste número 36 de NÓS DA ESCOLA, além dos encartes *Giramundo* e o cartaz em homenagem a Monteiro Lobato pela comemoração do Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil.

Aproveite.



Sonia Mograbi  
Secretária municipal de Educação



## Educação e saúde

Gostei muito da matéria "Do cavalinho-de-pau ao universo das brincadeiras virtuais" [NÓS DA ESCOLA, nº 34, p. 26] e com meu olhar de pediatra gostaria de ressaltar o quanto de saudável pode ser identificado no ato do brincar. Na observação do médico, criança brincando significa saúde. O texto sublinha muito bem a importância de buscar equilíbrio na escolha de atividades com crianças e adolescentes, de priorizar o lúdico e explorar as possibilidades de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem. É sempre bom lembrar que um corpo em movimento revigora energias, libera tensões, diminui o estresse e melhora a qualidade de vida, ou seja, promove saúde. Li o assunto muito entusiasmado com a perspectiva de desenvolver parcerias entre saúde e educação. Podem-se criar escolas promotoras de saúde partindo-se das possibilidades do lúdico no ato de brincar. A escola contribui muito para isso e talvez os serviços de saúde pudessem se apropriar de um agir educativo mais significativo para produzir saúde e não doença.

Carlos S. Silva

Gerente do programa de saúde escolar da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS).

## Cartaz

O pôster de NÓS DA ESCOLA em homenagem ao Dia Internacional da Mulher está belíssimo. Infelizmente, cometeu-se um erro grosseiro ao identificar-se o líder moçambicano Samora Machel como mulher. Também quero expressar meu desagrado em relação à reportagem

"Escola também dá samba", pois muitas escolas que participam do projeto Escola de Bamba não foram sequer citadas, inclusive a E.M. Professor Gilberto Bento da Silva (9ª CRE), onde trabalho. Participamos do desfile em duas belas alas (da Cultura e Ala das Baianas) e fizemos a abertura do desfile, com a alegoria viva denominada Pandeiro Humano. Mas, no todo, a revista é ótima e tem sido uma leitura prazerosa e enriquecedora.

Solange de Araujo Apolinario

Professora da E. M. Professor Gilberto Bento da Silva

N. da R.: Pedimos desculpas pelo equívoco quanto aos nomes de algumas escolas citadas no cartaz encartado em NÓS DA ESCOLA nº 35. Como as cartelas oficiais citam apenas partes de certos nomes, o que é compreensível, eventualmente podem acontecer enganos como estes. De todo modo, é muito bom saber que muita gente lê NÓS DA ESCOLA com bastante critério. Isso é animador para nós.

Em relação à matéria "Escola também dá samba", podemos dizer que não dá, em uma reportagem, para contemplar todas as escolas. Certamente, em uma outra oportunidade, teremos todo o interesse de conhecer e divulgar as atividades desenvolvidas nessa e em outras instituições da rede de ensino carioca.

## Educação física

Sei que a revista NÓS DA ESCOLA vai tratar do tema corpo e educação física. Há três anos, desenvolvo na escola em que dou aula o projeto Conhecendo Nosso Corpo Pela

Ginástica Olímpica. Quem sabe possamos mostrar o resultado deste trabalho?

Ronaldo Miranda

Professor da Escola Municipal Brasil

N. da R.: A edição que trata do referido tema é a de março, *O corpo e suas possibilidades*, que já chegou às escolas.

## Visita

É com grande prazer que escrevo a esta revista para agradecer o comentário intitulado "Centenário", da edição 26/2004. O artigo trazia a foto da E.M. Prudente de Moraes, na Tijuca, minha primeira escola. Lá, tive o meu primeiro contato com uma coleguinha deficiente visual. (...) Hoje, sou professora de escola especial, o que muito me orgulha. (...) Aproveito para saber se posso visitá-la e matar as saudades.

Sueli Rodrigues de Jesus

N. da R.: Ficamos muito felizes com a sua carta e de saber que uma das escolas de nossa grande Rede lhe traz boas recordações.



## Ilustração

A aluna Camila Tais da Silva Sales, de cinco anos, da turma de educação infantil da Escola Municipal Professor Castilho, ouviu a história de Chapeuzinho Vermelho e depois resolveu desenhar. Olha aí o resultado.

## ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para [multirio\\_dpub@rio.rj.gov.br](mailto:multirio_dpub@rio.rj.gov.br)

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)



# Como surgiu a brincadeira?

As crianças sempre brincaram na tentativa de decifrar o mundo. Durante escavações, arqueólogos encontraram em túmulos infantis bolas, bonecas e outros objetos que serviam para entretê-las nas civilizações antigas. Brinquedos e brincadeiras sempre fizeram parte da vida de crianças, jovens e adultos e foram se modificando ao longo do tempo sem perder seu caráter essencialmente lúdico. Mas como surgiu a idéia de brincar? NÓS DA ESCOLA foi às ruas e fez essa pergunta às pessoas, que responderam com muita imaginação. Quem gostou das respostas e quiser saber um pouco mais sobre o tema, é só ler a reportagem de capa, na página 26.



**Luciana da Silva,**  
operadora de caixa

Eu não sei quando surgiu a brincadeira. Mas acho que foi nos anos 1960, porque antes disso tudo era encarado com muito rigor. Não se podia brincar. A brincadeira só existe para que as pessoas se divirtam mesmo.



**Antônio Carlos Vieira,**  
vendedor

Acho que a brincadeira surgiu desde que há vida na Terra. Mesmo antes da existência do homem, já que os animais também brincam. A brincadeira é tudo aquilo que serve para relaxar, é algo bom, saudável. Brincar rejuvenesce.



**Iliana de Carvalho,**  
pedagoga

Não sei exatamente como a brincadeira apareceu, mas creio que ela existe desde que surgiu a primeira criança. Em toda a história da humanidade, se for feita uma pesquisa, vão ser encontrados vários tipos de brincadeiras. Mas houve um período em que a criança não podia brincar porque era vista como adulto. Isso aconteceu na Idade Média.



**Raoni Rodrigues, estudante**

Acho que, de repente, a brincadeira surgiu na Idade Antiga. Ela foi criada apenas para o lazer das pessoas. Não consigo imaginar como foi que apareceu e se teve algum outro motivo que não tenha sido apenas para divertir as pessoas.

**Tiago Travassos, engenheiro**

Não sei como nem quando surgiu a brincadeira. Creio que desde os primórdios da humanidade as pessoas brincam. O objetivo disso é apenas entreter, divertir. Não acho que tenha qualquer motivo além deste.



**Marília Barradas, psicóloga**

Acho que a brincadeira surgiu no período conhecido como antes de Cristo. Acho que era não só para divertir, mas como forma de sobrevivência. A brincadeira funcionava como uma maneira de o homem se defender.



**Ana Valéria de Santa Rita, enfermeira**

Desde os primórdios da civilização deve ter existido a brincadeira. Penso que tudo que não era trabalho era encarado como lazer. Se não estavam fazendo coisa de gente grande, como se dizia antigamente, estavam se distraindo. Logo, isso que não é a obrigação é o que se pode chamar de brincadeira.





# Seis anos: um novo marco

Até o ano passado, a criança que ingressava no ensino fundamental levava oito anos até a conclusão da oitava série. Desde 6 de fevereiro último, no entanto, esse tempo foi ampliado para nove anos. A lei federal 11.274 alterou o artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que fixa a duração do curso. De acordo com a proposta, o ensino fundamental inicia-se agora aos seis anos de idade e não mais aos sete, nas classes de alfabetização. O impacto da nova proposta nos sistemas de ensino de todo o país é tema de debate entre educadores e já ganhou espaço na mídia. Aqui, a questão é explorada numa conversa com Ana Luiza Smolka, professora do Departamento de Psicologia Fundamental da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e em um artigo complementar da professora Leny Datrino, diretora do Departamento Geral de Educação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (DGED/SME).

## O que muda, de fato, com a ampliação do ensino fundamental para nove anos?

Oficialmente, a idade de ingresso da criança – de sete para seis anos – no ensino fundamental. Isto significa que todas as crianças que estiverem completando seis anos têm acesso e direito à vaga na escola. Desse modo, a medida acrescenta um ano ao processo de escolarização formal. Essa mudança repercute no sistema como um todo e cria novas demandas. A resolução formaliza um processo que vem tomando força há pelo menos três décadas, dadas as transformações que foram se operando nas práticas sociais. Se pensarmos em relação ao desenvolvimento da criança, vemos que a antecipação do ingresso na escolarização formal é resultante das características atuais da nossa sociedade. As condições do desenvolvimento estão sempre em transformação, assim como as concepções e os argumentos que sustentam as decisões. Devido à rápida expansão das novas tecnologias e à permeabilidade da mídia no mundo contemporâneo, devido às características atuais da nossa sociedade globalizada e informatizada, na qual a informação e o conhecimento tornam-se formas de capital cultural, o marco dos sete anos aparece como tardio demais para o ingresso na escola, sobretudo se essa escola deve funcio-

nar como uma instituição social, de caráter democrático, lugar de ensino e de elaboração de conhecimento para todos. É interessante pensar que o marco dos sete anos tem uma história no movimento das idéias.

## Interessante esta perspectiva. A senhora pode explicar melhor?

O marco dos sete anos está relacionado às condições de sobrevivência das crianças em épocas de grande mortalidade infantil, aos modos de participação das crianças na dinâmica social, aos modos de serem concebidos e interpretados o desenvolvimento humano e o conhecimento. Se houve um tempo em que a idade de sete anos era considerada naturalmente ideal para oficializar a participação das crianças em certas práticas, como ritos religiosos e o início da escolarização (ensino formal da leitura, escrita, aritmética), hoje podemos ver mais claramente como as condições de vida e as relações e as posições sociais afetam o desenvolvimento. Até recentemente, por exemplo, se havia possibilidade de a criança ingressar na primeira série antes de completar sete anos de idade, esse ingresso antecipado acontecia mais oportunamente na esfera do ensino privado, e a escola otimizava essa antecipação, na medida em que



# na vida escolar da criança

ARQUIVO PESSOAL



a criança considerada precoce geralmente dava mostras de sua capacidade e inteligência. No âmbito da rede pública de ensino, por outro lado, frente à enorme demanda que se impunha a um sistema que se proclamava por princípio democrático e aberto a todos, mas que de fato não comportava tal demanda, o marco dos sete anos às vezes funcionava como um fator de seleção no sistema. As crianças mais velhas, que já tinham sete anos completos, tinham prioridade, e as mais novas ficavam em casa ou na rua. Dependendo das condições concretas de vida, o marco dos sete anos tinha sentidos diferentes e provocava efeitos diversos: de um lado, promovia e viabilizava o desenvolvimento; de outro, podia retardar e conter. Diante disso, vemos que a nova resolução viabiliza a realização de um trabalho educativo importante e necessário, sobretudo com as crianças de famílias de baixa renda. Mas só a mudança na lei não garante que a medida seja bem sucedida na prática.

## Que outras condições seriam necessárias para garantir que a implantação desta nova medida tenha um impacto positivo?

Criar condições efetivas de participação das crianças menos favorecidas torna-se imperativo. Construir escolas, formar professores e remunerar adequadamente os profissionais da educação são demandas que se tornam ainda mais prementes. Ou seja, as mudanças demandam um investimento prioritário na educação. É importante ainda pensar essa medida no escopo da educação como um todo e junto com outras medidas que também estão sendo tomadas. Por exemplo, a implementação gradual do período integral. O planejamento dessas mudanças – antecipação do ingresso e implementação do período integral – num sistema gigantesco como o nosso apresenta-se como uma necessidade, uma urgência, um desafio. Isso nos leva a várias outras discussões – sobre o tempo vivenciado na escola, as condições e as relações de ensino... mas não vamos entrar nessa discussão agora. Dentre as implicações dessa resolução, então, vemos a urgência da criação de condições para acolher no sistema um enorme contingente de

crianças que têm direito de ingresso e permanência na escolarização formal e que têm de cinco a seis anos de idade. A criação dessas condições torna-se absolutamente imprescindível à implementação da resolução. Muitos pais e professores criticam a falta de condições nas escolas públicas de ensino fundamental para acolherem as crianças menores. Esses pais optariam por deixar seus filhos em instituições de educação infantil ou pré-escolas, cuja oferta tornou-se obrigatória, em termos de legislação, mas que, não integrando o sistema oficial do ensino fundamental, tendem a apresentar melhores condições de desenvolvimento para as crianças, num ambiente mais descontraído, com caráter menos formal, com menor número de crianças por sala, espaço físico mais flexível, com ênfase em várias atividades e não exclusivamente nas voltadas à alfabetização.

## E aí chegamos à questão do impacto desta lei para a educação infantil...

Há mais de três décadas a luta pela educação infantil e pré-escolar tem sido árdua e incansável. A Constituição de 88 e a LDB [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional] foram muito significativas no sentido de relevar a importância e garantir para as crianças de zero a seis anos espaço e lugar num projeto educacional em âmbito nacional. Até agora, as crianças ►

de seis anos integravam o universo da pré-escola, que muito freqüentemente desenvolvia um trabalho com diversas formas de leitura e escrita. Nesse universo, inclusive, poderiam se constituir grupos ou classes com objetivo de alfabetização das crianças, como é o caso do Rio de Janeiro. Em meio às polêmicas sobre desenvolvimento das crianças, antecipação da escolaridade e alfabetização, uma pergunta que pode ter um caráter mais prático ou mais político se coloca: Onde deve se situar essa série inicial?

**Essa discussão é crucial...**

Pois é, se consideramos viável o ensino fundamental acolher as crianças de seis anos, a grande questão é como isso é feito. O sucesso da proposta depende das condições concretas e de como se trabalha com as crianças o conhecimento

produzido historicamente. Não é fácil porque não há uma fórmula pronta. Depende da proposta pedagógica e de como se trabalham as relações de ensino na escola ou na pré-escola. Com a formulação e a necessidade de implementação da lei, muitas escolas municipais de ensino fundamental têm aberto vagas para as crianças de seis anos, sem qualquer investimento prévio para isso. Anteciparam o ingresso das crianças sem qualquer consideração mais aprofundada. Uma questão que tem sido colocada pelos pais e professores é a possibilidade de a pré-escola, com as características que tem, absorver esse primeiro ano de escolaridade obrigatória. Na fase de transição em que nos encontramos, essa é uma questão delicada, que persiste e que demanda atenção, ponderação, compromisso e análise das inúmeras possibilidades...

## Incluir com êxito

LENY DATRINO, DIRETORA DO DEPARTAMENTO GERAL DE EDUCAÇÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (DGED/SME)

O Rio de Janeiro continua sendo a cidade maravilhosa que investe no desenvolvimento educacional da população e que sai à frente em sua política pública de educação. E foi assim na implantação do ensino fundamental com duração de nove anos. Para confirmar isso, vamos rever a história?

Desde a época da fusão dos antigos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, em 1975, o município do Rio de Janeiro assumia a educação de crianças com seis anos de idade nas classes de alfabetização (CAs) implantadas no antigo Estado da Guanabara.

Em 1996, é promulgada a LDB 9394 [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional], preconizando a universalização do atendimento no ensino fundamental. Nesse ano, a Rede recebe o Núcleo Curricular Básico Multieducação, fruto de discussão coletiva. Durante a elaboração foi feita a opção de se trabalharem, em um bloco com dois anos de duração, os conhecimentos e valores a serem constituídos pelos alunos das CAs e da 1ª série, formando um ciclo de alfabetização.

Em 1999, a Rede tinha matriculadas nas CAs 52.892 crianças com idade de seis anos. A Secretaria Municipal de Educação (SME), então, encaminhou ao Conselho Municipal

de Educação a proposta de implantação do ensino fundamental com duração de nove anos, já a partir daquele ano, sendo autorizada pelo Conselho, conforme Parecer 01/99.

Em 2000, os alunos de seis a oito anos de idade foram matriculados no 1º Ciclo de Formação, conforme a sua faixa etária. De 2001 até hoje, consideram-se a idade e o nível de desenvolvimento do aluno. Naquele mesmo ano, foi elaborado o Plano Nacional de Educação (Lei federal N° 10.172/2001), que em sua meta previa a ampliação da duração do ensino fundamental para nove anos.

Em 2006, a SME matriculou em torno de 750 mil alunos, sendo, aproximadamente, 596 mil no ensino fundamental e, desses, cerca de 64 mil crianças com seis anos de idade. Hoje, o município do Rio de Janeiro atende em torno de 100 mil crianças na pré-escola e está caminhando para a universalização desta modalidade. Há ampliação no atendimento às crianças das creches, aos alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja) e aos alunos portadores de deficiência.

Enquanto rede pública, a SME vem trabalhando para o ingresso, a permanência e o sucesso escolar de todos os alunos, possibilitando-lhes o acesso ao conhecimen-

Qual o impacto da ampliação do ensino fundamental para o ensino da leitura e escrita? Aliás, recentemente o MEC encabeçou um debate sobre a mudança de métodos de alfabetização...

A mídia hoje tem veiculado o debate sobre os métodos, o que é bem interessante. Essa polêmica é bastante antiga, mas ela aparece hoje renovada como resultado de uma tendência que veio se impondo nas últimas décadas, com base em concepções de desenvolvimento, aprendizagem e linguagem que privilegiam o trabalho de elaboração das crianças com a linguagem e sobre a língua, em detrimento de uma tendência centrada em procedimentos de associação e codificação de letras e palavras, e que veio perdendo força nos últimos tempos, pelo próprio insucesso da proposta, baseada no treino mecânico e sem sentido. Acho que formular a questão em ter-

mos de construtivismo *versus* método fônico é inadequado e muito simplista. De fato, o problema é bem mais complexo.

Há o argumento de que o método fônico é bem sucedido nos países do primeiro mundo, de que é mais eficaz para crianças com problemas de aprendizagem, e que, portanto, deveria ser implementado no Brasil.

Este argumento deve ser tomado com cautela: primeiro, quanto à sua generalização; segundo, quanto aos seus pressupostos. Não vejo que o problema esteja no método. Acho que está na relação de ensino. A questão é que muitas vezes os professores deixam de ensinar algumas relações básicas para as crianças. Deixam de informar, por exemplo, sobre como funcionam a forma e o sistema escrito de ►

to científico, aos bens culturais, e contribuindo para a formação de valores e conceitos necessários à sua constituição humana. O tempo vivido na escola é uma grande oportunidade de desenvolvimento intelectual, cultural e pessoal. Mas, será que aumentar o tempo de permanência das crianças na escola lhes trará benefícios?

Ter as crianças na escola é oportunizar experiências educacionais que contribuirão para o seu desenvolvimento. É promover a igualdade de condições de acesso e permanência na escola para a constituição de uma sociedade mais justa e equânime. Enquanto escola inclusiva, é fundamental que a instituição seja um espaço de atendimento à diversidade, de acolhimento e de diálogo, de afeto e de compartilhamento, no qual dá vontade de estar, que faz falta, que é imprescindível! Como trabalhar com essas crianças na escola?

Quando uma criança de seis anos de idade ingressa no ensino fundamental é preciso que o professor a conheça, considere suas experiências, suas condições socioculturais e educacionais. Seu trabalho deve oferecer um atendimento pedagógico que considere a diversidade, dê continuidade ao processo de desenvolvimento do aluno, esteja atento às demandas apresentadas, faça as adaptações curriculares necessárias à sua aprendizagem e ofereça-lhe um ensino significativo.

Nessa perspectiva, é essencial que a escola, principal espaço de formação em serviço, revitalize o centro de estudos, promova a troca de experiências e o estudo entre os mestres, que o professor participe de cursos de formação continuada. Há algum documento norteador do trabalho?

O fascículo *Refletindo sobre o trabalho no 1º ciclo de formação* apresenta os seis eixos básicos que irão nortear o fazer do professor e dos alunos no processo ensino e aprendizagem: ver, ouvir, falar, ler, escrever e contar. A ênfase do trabalho pedagógico aponta para o desenvolvimento da oralidade, da escuta, da produção de linguagem (de discursos), por meio do diálogo; para o trabalho com a leitura e a escrita, lendo, escrevendo e pensando; para o trabalho com as múltiplas linguagens; com a formação dos conceitos de tempo, espaço, forma, medida e numeração. A produção é referência para o trabalho a ser desenvolvido no ciclo.

O resultado do trabalho tem sido comprovado a cada dia. Entretanto, há muito a ser feito para alcançar o sucesso escolar e acredito que somente juntos, enquanto educadores da maior rede municipal de ensino público da América Latina, poderemos construir um ensino de qualidade. A participação de todos neste processo é fundamental!



linguagem; deixam de falar sobre convenções estabelecidas e não apontam os nomes das letras, a ordem das letras no alfabeto; não mostram a correspondência fonema – grafema, o beabá (isso se tornou antigo); muitas vezes enfatizam a leitura de palavras e textos esperando que as crianças *saquem* o mecanismo. Os profissionais que hoje levantam a bandeira do método fônico estão, no fundo, chamando atenção para um aspecto que pode ter sido menosprezado no processo de alfabetização mais recentemente: a informação sobre esse aspecto da língua escrita, que constitui o beabá. Do meu ponto-de-vista, há mil maneiras de se ensinar o mecanismo do beabá. Transformar essa informação em método e proclamar e reduzir o ensino ao método fônico é uma falácia. É preciso ter claro que a escrita implica várias dimensões e que o trabalho de ensinar implica todas essas dimensões, que não são percebidas pelas crianças em um mesmo momento e da mesma forma. Lidar com as múltiplas dimensões da escrita, com a diversidade de métodos e propostas de ensino, e com os diferentes modos de aprender das crianças, exige dos professores experiência, conhecimento e tarimba que vão sendo também construídos.

**Há estados, como o do Rio de Janeiro, onde o ensino fundamental já é feito em nove anos. A senhora acha que nesses casos a lei ainda pode mudar alguma coisa?**

A criação das classes de alfabetização [CAs] no Rio de Janeiro mostra a viabilidade do processo e vem preparando estrategicamente a população para uma posterior incorporação formal das crianças de seis anos de idade ao ensino fundamental. Parece ter sido uma medida eficaz e bem-sucedida em termos de processo de mudança. Mas uma diferença é que as CAs no Rio estão incluídas na educação infantil... O deslocamento para o ensino fundamental tem implicações, as mais sérias relacionadas às condições de ensino. Assim, se a lei em vários estados do país se coloca antes de uma mudança nas práticas e terá o efeito de provocar a mudança, no Rio de Janeiro ela adquire outro sentido, que pode ser o de reiterar

e garantir o que já vem sendo feito e legitimado na prática, mas abre e acirra a disputa pela instância que deve reger essa série inicial: educação pré-escolar ou ensino fundamental. As marcas e características desses dois momentos do sistema educacional são bem diferentes.

**Em que medida esta nova resolução pode promover o sucesso escolar?**

A resolução por si só não promove ou garante sucesso escolar. Pode-se argumentar, inclusive, que tal medida leve ao fracasso, a depender dos objetivos que se coloquem para esse primeiro ano de ingresso das crianças. Se o objetivo for alfabetizar; se ainda prevalecerem a concepção de um desenvolvimento naturalmente orientado e a idéia de que a criança ainda não está madura para aprender, de que ela não tem condições ou não sabe se comportar na escola; se não se considerarem as condições da própria escola e as condições e o conhecimento dos professores, fica muito fácil argumentar contra a medida, mesmo que vários outros indicadores apontem para a pertinência e a propriedade da lei nesse momento. Ou seja, se junto com essa mudança não houver uma mudança na concepção de desenvolvimento e aprendizagem, ela pode ser interpretada como geradora de fracasso. Sobretudo se o objetivo desse primeiro ano de escolaridade se reduzir à questão estrita da alfabetização e as crianças de seis anos não aprenderem a ler.

**De que forma esta medida pode minimizar a distorção série-idade?**

Acho que o que você está chamando de distorção idade-série é um produto das condições de vida, das formas de ensino e avaliação, do processo de escolarização... Afinal, o que define que uma criança de seis ou sete anos deve estar numa primeira ou numa segunda série, ou que o aluno deva concluir o ensino fundamental com 14 ou 15 anos, senão as convenções que nós mesmos estabelecemos, os critérios e as normas que nós mesmos estipulamos, os objetivos que nós mesmos formulamos? Muitas vezes privilegiamos os critérios e as normas e esquecemos de olhar para os alunos, escutá-los, procurar compreendê-los... A nova resolução não resolve esse problema. ■

# Quando integrar é a meta

Desde a sua criação em 1994, o programa Favela-Bairro já beneficiou 527 mil pessoas



Transformar a cidade para torná-la um lugar mais agradável para viver. É a partir de propostas como essa que projetos urbanísticos mudam a paisagem de uma rua, comunidade ou bairro, levando sempre em conta as demandas dos moradores, aspectos físicos do lugar e condições de infra-estrutura existentes. De acordo com o engenheiro e presidente da Empresa Municipal de Urbanização (RioUrbe), João Luiz Reis da Silva, essas intervenções vão desde a criação de áreas de lazer a projetos de maior envergadura e que promovem uma verdadeira revolução no espaço urbano, como o programa Favela-Bairro.

Criado em 1994 pela prefeitura do Rio, com o apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Favela-Bairro tem como meta integrar a favela à cidade, e como prioridade melhores condições de educação e saúde para as comunidades e o resgate de sua

cidadania. É reconhecido pelo banco como o maior programa de inclusão social do mundo, informa Solange Amaral, titular da Secretaria Municipal de Habitação (SMH), órgão encarregado do planejamento das ações do programa.

Os números falam por si. Desde que foi implantado, o Favela-Bairro beneficiou 527 mil pessoas. Na fase atual, estão sendo atendidas 89 comunidades e investidos US\$ 600 milhões provenientes de dois contratos que totalizam US\$ 300 milhões: US\$ 180 milhões financiados pelo BID e US\$ 120 milhões pela prefeitura. Mas já está em negociação um terceiro contrato, no valor de US\$ 400 milhões, que pode beneficiar mais 400 mil pessoas.

“A infra-estrutura urbana do lugar sempre é prioridade. É necessário avaliar as condições das redes sanitárias existentes e a topografia, para que a intervenção seja efetiva. Materiais ▶

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

DIVULGAÇÃO

## Os números do programa

O Favela-Bairro já demonstrou resultados que podem ser comprovados pelos números. Desde a sua criação, 143 comunidades receberam diversos benefícios:



Parada de Lucas antes do projeto

- 2,28 milhões de metros quadrados de ruas pavimentadas. Isso corresponde a cinco pontes Rio-Niterói.
- 636 mil metros quadrados de áreas de lazer, o equivalente a 90 Maracanãs.
- 291 mil metros quadrados de contenção de encostas.

- 173 mil metros quadrados de edificações.
- 731 mil metros de redes de esgoto. Maior que a distância de Rio a São Paulo
- 678 mil metros de redes de água.
- 380 mil metros de redes de dragagem.
- 378 praças
- 111 quadras de esporte
- 102 creches
- 30 centros de informática
- Nove cooperativas populares em formação
- 28 mil pontos de luz
- 40,6 mil árvores ou mudas plantadas
- 11 mil pontos de coleta de lixo



Parada de Lucas - foto atual

de boa qualidade e de fácil manutenção devem ser adotados, observando o custo-benefício das obras, de forma que as melhorias tenham durabilidade”, ensina o presidente da RioUrbe.

São significativas as transformações promovidas pelo Favela-Bairro, como a abertura e pavimentação de ruas, implantação de redes de água, esgoto e drenagem, contenção e reflorestamento de encostas, reconhecimento de nomes de ruas e logradouros e criação de áreas de lazer, com a construção de praças e espaços esportivos. Em parceria com as secretarias de Educação (SME) e de Assistência Social (SMAS), o programa também promove ações de cunho social e assistencial, como a construção de creches e o reassentamento de famílias que vivem em áreas de risco.

Junto com a urbanização de ruas, praças e espaços de lazer, são implantados programas de atendimento à criança e ao adolescente e de geração de trabalho e renda. Assim, além de contar com uma nova infra-estrutura urbana, as comunidades melhoram a auto-estima e passam a reunir condições de reinserção no mercado de trabalho. Para facilitar a busca por emprego, são desenvolvidos programas de aumento de escolaridade, qualificação na área cultural para jovens, e de capacitação para mulheres com idade acima de 40 anos. Também foi criada a Central de Trabalhadores Autônomos (Cenata), que oferece serviços profissionais de pintores, eletricitistas, bombeiros hidráulicos residentes nas comunidades e cadastrados pela prefeitura para atuar em qualquer parte da cidade.

Mas o que é necessário para que um projeto de reurbanização desse porte possa ser deflagrado? No Favela-Bairro são envolvidas equipes multidisciplinares de profissionais como assistentes sociais, sociólogos, geógrafos, urbanistas, engenheiros e paisagistas, informa o presidente da RioUrbe. Aliás, segundo ele, projetos de paisagismo e de proteção ao meio ambiente estão sempre presentes, acompanhados por técnicos especializados.

Todas as transformações no espaço público passam pelo crivo da comunidade. De acordo com Solange Amaral, um dos pré-requisitos para a implantação do Favela-Bairro é a aprovação dos moradores. “Para isso, realizamos o monitoramento e avaliação de impactos produzidos no dia-a-dia da comunidade”, explica a secretária.

Além de respeitar a opinião dos moradores das áreas onde atua, o Favela-Bairro também leva em consideração a cultura e a história das populações atendidas. De acordo com o presidente da RioUrbe, programas de urbanização em geral devem se preocupar com os hábitos das comunidades. Aspectos como a relação das pessoas com o lugar em que vivem, se têm o hábito de conversar na rua, se as crianças brincam naquele espaço, como passeiam ou convivem entre si são pontos levados em consideração.



Qualquer cidadão pode reivindicar a execução do programa em sua comunidade. Nesse caso, a prefeitura realiza um levantamento das necessidades dos moradores, já que conta com uma base de dados na qual todas as favelas estão mapeadas com informações que abrangem infraestrutura e indicadores socioeconômicos. As informações resultam em uma matriz classificatória, que serve de base ao planejamento de prioridades de ação nos espaços urbanos.

Até hoje, o Favela-Bairro atua somente nas áreas comuns às comunidades, ou seja, não intervém nas residências dos moradores. Entretanto, a idéia é que, com a assinatura do terceiro contrato com o BID, se consolide uma abrangência maior na destinação dos recursos. “Estamos estudando um fundo de melhoria habitacional para os moradores. Também queremos ampliar o foco na juventude”, planeja a secretária. ■

## Ocupação intensa nos anos 20

As favelas surgiram ainda no século XIX. As primeiras tiveram origem com a ocupação dos morros de Santo Antônio e da Providência, no centro do Rio. Isso ocorreu porque soldados que voltavam em 1897 da Guerra de Canudos, no sertão baiano, tiveram permissão de se instalar naqueles locais. O nome favela surgiu porque os militares deram ao lugar que hoje é conhecido como Morro da Providência o nome de Morro da Favela, que vem a ser um arbusto muito conhecido no Nordeste. Em 1904, havia 100 barracos no Morro da Providência e quase 30 anos depois eles já eram 1.500. No Morro de Santo Antônio, em 1910, foram contabilizados 1.314 barracos.

Nos anos 1920, começaram a aparecer favelas em outras localidades como Morro dos Telégrafos, Mangueira, Morro de São Carlos, Vila Rica (Copacabana), Pasmado (Botafogo) e Babilônia (Leme). A chegada de famílias aos morros se deve em parte à remoção de cortiços do centro da cidade, onde moravam em 1890 cerca de 100 mil pessoas. Com o crescimento da população pobre e a emigração de moradores de zonas rurais da cidade e, posteriormente, do Norte e Nordeste do país, a cidade ficou superlotada. O objetivo era ocupar áreas livres próximas ao centro do Rio de Janeiro.

Mas ainda na mesma década começaram a surgir favelas nos subúrbios cariocas. Uma das principais se formou próxima à estação de trens de Madureira. Na década de 1940 já havia uma ocupação significativa dos espaços nos morros, mas não uma política de melhoramento das moradias e políticas de saneamento.

Nos anos 1960 tentou-se remover as favelas das áreas nobres da cidade, com a transferência da população desses locais para conjuntos habitacionais novos nas

Zonas Norte e Oeste da cidade. A ação do projeto conhecido como Aliança para o Progresso, desenvolvido com financiamento dos Estados Unidos, acabou se reduzindo à construção de uns poucos conjuntos. Os moradores da Favela do Pinto, no Leblon, depois de um incêndio, foram deslocados para a Cidade Alta, um condomínio habitacional em Cordovil.

Entretanto, a realidade da população de baixa renda de favelas em áreas nobres como Rocinha e Vidigal não se diferenciou tanto da dos que foram para grandes assentamentos na Zona Norte, como os Complexos da Maré e do Alemão. Hoje, a Rocinha é a maior favela da cidade, com cerca de 50 mil habitantes. Ao todo, são cerca de 1 milhão de cariocas vivendo em favelas e mais 500 mil em loteamentos irregulares e clandestinos.

Com o programa Favela-Bairro, a prefeitura vem integrando as comunidades à cidade formal e incluindo os seus habitantes em todos os serviços urbanos, além de garantir saúde, educação e emprego a esses moradores com a construção de postos de saúde, creches e cursos profissionalizantes.

Para resgatar um pouco da história das favelas na cidade, a Secretaria Municipal de Habitação (SMH) criou no Morro da Providência, o Museu do Favela-Bairro, também conhecido como Museu a Céu Aberto. Além de ser um espaço de preservação da memória, a idéia é que o local seja transformado em ponto turístico. “Ali, entre becos e escadarias, reunimos as obras de urbanização, a recuperação dos marcos históricos e a construção de três mirantes, num investimento de R\$ 14,3 milhões”, ressalta Solange Amaral.

# Batuque bom de história

Programa Século XX1 leva ao ar em maio a CHAVE que traça trajetória do samba até os dias atuais

Quem assiste ao desfile das escolas de samba na Marquês de Sapucaí nem imagina que já houve tempo em que cantar, tocar ou dançar músicas com ritmos afro-brasileiros em locais públicos era proibido pelo Código Penal. Entre 1910 e 1950, o samba deixou a condição de caso de polícia passou à de produto consagrado da indústria cultural. A história do mais famoso ritmo musical brasileiro retrata as várias mudanças por que passou o país nos últimos 100 anos. O programa Século XX1 abordará na próxima CHAVE – cujo lançamento será em maio – a trajetória do samba até os dias atuais. Conheça agora um pouco do esforço dos primeiros sambistas em defesa de sua arte.

## TEXTO

MARLUCIO LUNA, EDITOR DE  
CONTEÚDO DO PROGRAMA

SÉCULO XX1

## FOTOS

DESFILE DAS ESCOLAS DE  
SAMBA/CARNAVAL 2006 -  
DIVULGAÇÃO/RIOTUR

O samba surge no início do século XX a partir da mistura de ritmos e danças como o lundu, o maxixe, o caxambu e o jongo, com movimentos da capoeira. É criado pelos negros da Bahia que migram para o Rio de Janeiro,

então capital da república, em busca de melhores condições de vida. Os morros próximos ao centro da cidade e os cortiços servem como locais de habitação para os que chegam. Em pouco tempo a região que vai da Zona Portuária até a Cidade Nova – chamada de Pequena África, devido à predominância da população negra – se transforma em reduto de sambistas.

Na primeira década do século passado e nos anos 1910, a imagem do samba está associada às “classes perigosas” – negros, pobres, desempregados. As primeiras rodas de sambista, ou batuques, reúnem compositores, cantores, músicos e capoeiras (precursores de um personagem típico do imaginário coletivo carioca, o malandro). Não basta cantar, tocar ou compor; é preciso ser bom de briga, pois também fazem parte da disputa dos partideiros rasteiras e pernadas. É respeitado quem se mantém de pé.



Na década de 1920, dois fatos são determinantes para a consolidação do samba enquanto manifestação cultural. O sistema de gravação deixa de ser mecânico e passa a elétrico. A novidade tecnológica deduz os custos da produção dos discos, amplia a vendagem e permite que sambistas registrem em vinil suas composições. Há ainda a implantação do rádio no Brasil. O novo meio de comunicação cria o mercado de consumo de música em larga escala e estimula o surgimento de cantores, músicos e compositores.

O samba, música popular de maior sucesso no Rio de Janeiro, desperta o interesse de Getúlio Vargas nos anos 30. O ritmo das “classes perigosas” é elevado à condição de símbolo da identidade nacional, exemplo da criatividade de um povo. Atrai a atenção da classe média e gera os primeiros grandes ídolos do disco. Francisco Alves, Mário Reis, Noel



Rosa e Carmem Miranda são alguns dos astros – a maioria deles formada por brancos. O desfile das escolas de samba, antes alvo de repressão policial, é oficializado em 1935 e ganha o apoio da Prefeitura do Distrito Federal.

As escolas de samba conquistaram a simpatia do poder público graças ao sucesso da novidade dos enredos com temática nacionalista nos desfiles; o que posteriormente passa a ser uma regra imposta pelo governo Vargas. Os sambistas, muito antes das autoridades, identificam a importância de ressaltar aspectos da história do Brasil em suas apresentações, pois isso apagaria a imagem de desordeiros. A lembrança dos antigos caapeiras e de suas violentas rodas de samba ainda está presente em vários setores da sociedade.

O Estado Novo investe maciçamente na divulgação do samba. A música atua como canal privilegiado de comunicação entre governo e população.

O poderoso Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) da ditadura Vargas utiliza a Rádio Nacional, inaugurada em 1936, para levar ao país “um ritmo genuinamente brasileiro, fruto da união de três raças”. O discurso ufanista aprovado nos desfiles das escolas de samba é logo assimilado pelos compositores, que criam o samba-exaltação, marcado por letras patrióticas e arranjos de orquestra. O maior exemplo do estilo é *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, gravada em 1939.

Os anos 1940 e 50 marcam o auge da era do rádio e representam o período de consolidação do prestígio artístico do samba. O ritmo musical se torna mais complexo e dá origem a filhotes. Surgem o samba de breque, o samba de gafeira, o samba-canção e o sambalongo, entre outros. Já a segunda metade do século XX reserva aos sambistas períodos de relativo esquecimento e de retomada do sucesso. Esta parte da história será contada em detalhes na CHAVE Samba do programa Século XX1. Não perca. ■



# Mutirão pela alimentação

TEXTO

MARIANGELES MAIA E

EQUIPE DA OBRA SOCIAL DA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

FOTO

DIVULGAÇÃO

Diariamente moradores de 23 comunidades da cidade com baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) são beneficiados por uma das iniciativas da Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro. O projeto Cozinheiras Comunitárias, que reúne mulheres com mais de 50 anos e afastadas do mercado de trabalho em torno da tarefa de cozinhar, oferece cerca de 4.600 refeições por dia.

Os moradores têm a vantagem de pagar R\$ 0,50 por duas refeições: café da manhã e almoço. São servidos suco, café com leite, pão e manteiga, além de carne, arroz, feijão, entre outros legumes, verduras e sobremesa, que pode ser uma fruta ou doce. Como o horário de funcionamento das cozinhas é de segunda a sexta-feira, das 5h às 7h, muitos moradores acondicionam suas refeições em quentinhas para levar para o trabalho. A cozinha da Fazenda Modelo, em Guaratiba, é a única que funciona em dois períodos: das 5h às 7h e das 11h30 às 12h30.

A coordenadora do programa, Marília Ribeiro, considera a proposta eficiente e inovadora na medida em que reduz índices de desnutrição infantil nas comunidades. Com apenas R\$ 3, uma mãe consegue alimentar seis crianças em uma família.

O êxito do programa também se deve à administração. A Obra Social se encarrega de fornecer semanalmente os alimentos, mas cabe a um coordenador local a gerência dos recursos que remuneram as cozinheiras. Atualmente, atuam no projeto 92 cozinheiras, que recebem cerca de R\$ 300 por mês. A qualidade da alimentação é garantida pela supervisão semanal de nutricionistas. Além disso, elas passam um dia inteiro treinando novas cozinheiras, que recebem noções gerais de manuseio e higiene dos alimentos.

Os números mostram a crescente procura pelas cozinhas comunitárias das várias regiões do município. Diariamente, são servidas cerca de 200 refeições em cada cozinha. Do início do programa, em abril de 2002, até março deste ano já foram fornecidas 2 milhões de refeições para cerca de 5 mil famílias. O objetivo é levar o programa para mais comunidades, criando mais 10 cozinhas comunitárias. Reconhecida pelo governo federal como programa modelo, a experiência das Cozinheiras Comunitárias será apresentada a outros municípios do país. ■

## Comunidades atendidas



Acari – Praça Roberto

Carlos 5, Acari

Conjunto Urucania – Rua

José Sílton Pinheiro 51,

Santa Cruz

Reta do Rio Grande – Rua

Ágata 4, Santa Cruz

Vale do Sol – Estrada do

Guandu 258, rua 16, lote

31, casas 1 e 2, Guandu 1,

Santa Cruz

Vila do Turismo – Praça Américo Junior s/n, Associação de Moradores da Vila Turismo, Manguinhos

Liberdade – Avenida Canal, margem esquerda 54, Santa Cruz

Pau da Bandeira – Rua Torres Homem 1.315, Morro dos Macacos, Vila Isabel

Jardim Maravilha – Rua Mato Verde, lote 26, quadra 71, Jardim Maravilha, Campo Grande

Anchieta – Rua Capri 433, Anchieta

Praia da Rosa – Praia da Rosa s/n, Igreja de São Pedro, Ilha do Governador

Caju – Rua Carlos Seidl 659, Caju

Providência – Rua Barão da Gamboa 47, Santo Cristo

Quafá – Avenida Brasil 34.300, Vila Kennedy

Manguariba – Rua 11, 660, Conjunto Manguariba, Campo Grande

Morro da Baiana – Rua Roberto Silva 630, Ramos

Vila Cruzeiro – Rua São Vicente de Paulo s/n, Parque Proletário da Penha, Penha

Tuiuti – Rua Marechal Jardim 1.081, São Cristóvão

Caminho do Lucio – Caminho do Lúcio 15, Bangu

Dique – Rua do Dique 349, Jardim América

Vale das Palmeiras – Rua Projetada F, s/n, Q.03, Cosmos

Vila Santo Antônio – Rua General Raposo 5, Realengo

Fazenda Modelo – Rua da Matriz 4.445, Chaim, Guaratiba

Conjunto Cesar Maia – Estrada dos Bandeirantes 11.227, Jacarepaguá

# Destaque para o esporte

Sem vender ilusões, Cidade das Crianças, em Santa Cruz, ajuda a manter vivos valores de cidadania

À beira do primeiro quilômetro da rodovia Rio-Santos, em Santa Cruz, uma área de 186 mil metros quadrados é mais um ponto a favor para a condição do Rio de Janeiro como cidade-referência em esportes nesse período que antecede o Pan-americano de 2007. Trata-se da Cidade das Crianças Leonel Brizola, um parque público mantido pela prefeitura e orçado em R\$ 29 milhões. Mas, acima de tudo, a Cidade das Crianças tem uma proposta: articular uma imensa área esportiva e cultural à justiça e à cidadania.

O objetivo é, através das atividades esportivas e culturais oferecidas pelo poder público, trazer à realidade concreta esses conceitos que muitas vezes se perdem no vazio das palavras ou nos limites incertos das boas intenções. Além disso, a idéia foge da ilusão de que os filhos da população mais pobre podem conseguir ascender socialmente por intermédio do esporte, como muitas vezes é apregoado na mídia por autoridades e organizações não-governamentais.

O esporte pode, sim, ser uma alternativa de vida para alguns, mas não para todos. Precisaríamos, por exemplo, de milhares de times de futebol profissional, centenas de equipes de natação patrocinadas ou de uma geração inteira de fenômenos do atletismo em condições de conseguir espaço e visibilidade suficientes para garantir seu sustento nas pistas de corrida. Simplesmente não há espaço para todos, e as peneiras que selecionam meia-dúzia entre centenas de atletas potenciais estão aí para mostrar que as exceções apenas confirmam a regra.

Com projetos como a Cidade das Crianças, o poder público cumpre o papel que lhe cabe na área de esportes, cultura e lazer: oferecer oportunidade e infra-estrutura decentes para que a população usufrua dessas atividades essenciais ao cotidiano, ao futuro e aos sonhos de qualquer pessoa. Tudo sem vender a pa-



A Cidade das Crianças oferece atividades esportivas gratuitas a quase 2 mil pessoas

nacéia de que problemas que cabem a políticas públicas de emprego, renda e educação podem ser solucionados através da possibilidade de todos viverem dignamente da atividade esportiva profissional.

A Cidade das Crianças oferece atividades gratuitas a quase 2 mil pessoas, e os alunos da Rede têm preferência nas inscrições. De terça a sexta-feira tem futebol soçaiite, futebol de salão, basquete, vôlei, handebol, ginástica, alongamento, hidroginástica e tai-chi-chuan. Mas as atrações do parque não são apenas esportivas. Há também lojas, parque de diversão, praça de alimentação e programação cultural. Durante o fim de semana a área está aberta ao lazer, com média diária de 15 mil visitantes. ■

## SAIBA MAIS

Secretaria Municipal de Esporte e Lazer  
[www.rio.rj.gov.br/smel](http://www.rio.rj.gov.br/smel)

## TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

## FOTOS

DIVULGAÇÃO E

ALBERTO JACOB FILHO

# Bom leitor não se faz por acaso, é formado na infância

Produzir bons leitores é um desafio para a escola em todo o mundo. Do ensino fundamental à universidade, professores se queixam de que muitos alunos lêem mal e não sabem usar livros para estudar. Pais, educadores e editores lamentam que o gosto pela leitura esteja acabando. No Brasil, vários livros didáticos, com textos e exercícios de interpretação, são consumidos anualmente, mas só isso não produz bons leitores.

É claro que o objetivo essencial da leitura é a compreensão de um texto. Mas pode-se ler linha por linha, palavra por palavra e, mesmo conhecendo o significado de cada uma, ainda assim chegar à última linha sem a menor idéia do sentido do texto. Esse tipo de leitura, que não traz benefício algum a quem lê, ocorre sempre que o aluno tenta mas não consegue usar os livros para aprender o que lhe está sendo cobrado pelos professores. Desde os primórdios, a principal função das escolas sempre foi alfabetizar. Não no sentido de formar no aluno o hábito de ler, escrever e interpretar. Considerava-se alfabetizado quem decorava os sinais e os sonorizava. Terá essa realidade mudado?

As práticas pedagógicas sempre sofrem mudanças por conta das transformações socioeconômicas no mundo. Uma das primeiras reformulações no ensino ocorreu na França, no final do século XVIII, quando se tentou disseminar a alfabetização. Procurava-se estabelecer ali uma escola pública a que todos tivessem acesso. E isso foi apenas o começo. Muitas outras tentativas de democratizar a escola já se fizeram e se fazem em cada extremo do planeta.

Duas correntes metodológicas de ensino da língua escrita são tema de debates: a analítica e a sintética. O método sintético propõe que o ensino da leitura isole partes para depois chegar ao todo. Assim, o início da alfabetização se dá a partir de letras isoladas, que para a criança não têm qualquer significado. Da letra, segue-se para as sílabas, destas para as palavras (que dão origem a frases) e destas, finalmente, para os textos. Somente depois da leitura de tex-

tos sem significado, produzidos para “trabalhar” os fonemas, é que se inicia para a criança o processo de compreensão textual. Já o método analítico parte do todo para as partes. É mais significativa a aprendizagem, que parte de um elemento que o educando conhece. Assim, eles associam a palavra a seu significado. Os dois métodos estão à disposição em diferentes cartilhas, materiais impressos que trazem os processos metodológicos para o professor utilizar em sala. Se, nas palavras de José Juvêncio Barbosa, elas são consideradas um pré-livro de um pré-leitor, elas deveriam ser mais adequadas às necessidades de um “pré-autor”.

Nas cartilhas, as palavras são geralmente desconhecidas dos alunos. Uma classe de crianças da zona urbana não sabe o que é *cacau* nem o que é *dedal*, palavras-chave que iniciam, normalmente, o ensino dos fonemas *c* e *d*. Por isso criticamos o uso da cartilha. Não propomos que o seu uso seja abolido, mas que o professor analise de que forma a sua utilização pode ser benéfica, de acordo com a realidade de seus alunos.

O bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância, antes mesmo de saber ler, pelo contato com a literatura infantil e experiências positivas no início da alfabetização. Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, descontextualizado, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos sem significação e repetir exercícios de cópia resulta em desinteresse e fracasso em relação à escrita.

A maneira pela qual o alfabetizador encara o ato de ler determina o seu modo de ensinar. Quase todo trabalho de alfabetização de nossas escolas (seja qual for o método) parte do pressuposto de que o importante é ensinar o mecanismo da decodificação, posto que a compreensão virá automaticamente depois. Só que o pressuposto está errado. Antes de ensinar letras e sons, é preciso mostrar aos alunos a função social da leitura e da escrita. E isto só será possível com atividades que façam sentido para o aluno, desde as etapas iniciais da alfabetização. ■



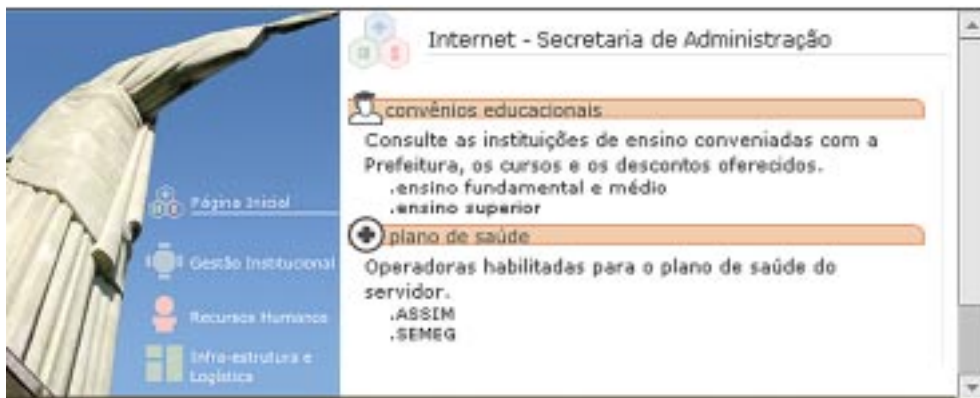
**Nataly Cordeiro de Abreu**

Pedagoga, professora da E. M. Jorge Zarur (8ª CRE). Diretora pedagógica do projeto de qualificação profissional Qualificar



# Educação mais em conta

Convênios proporcionam descontos a professores da Rede nas instituições privadas de ensino



A Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Administração, mantém um programa de convênios com diversas instituições de ensino que operam na cidade. São inúmeros cursos e descontos oferecidos a todo servidor da administração direta ou indireta, bem como a seus dependentes.

Ao todo são 17 instituições de ensino superior, oito de ensino médio e supletivo e sete de pré-escolar e de ensino fundamental. Há também convênios com cursos de idiomas, como

o Ibeu, e um recém-firmado com o Skill. O próximo parceiro da prefeitura será o Instituto Superior de Ensino Celso Lisboa.

A diretora de Recursos Humanos da Secretaria de Administração (SMA), Maria Alice Capputti, estima que cerca de 10 mil servidores estejam hoje usufruindo desses convênios. O professor interessado deve levar o contracheque à instituição escolhida no ato da matrícula. Para os dependentes, além do contracheque, é preciso levar certidão de nascimento. ■

## SAIBA MAIS

Secretaria Municipal de  
Administração  
[www.rio.rj.gov.br/sma](http://www.rio.rj.gov.br/sma)

## Confira as instituições conveniadas

### Ensino superior

Associação de Ensino Superior São Judas Tadeu  
Centro Universitário Carioca – Unicarioca  
Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos  
Faculdade Bezerra de Araújo  
Faculdade Machado de Assis (Fama)  
Faculdades Béthencourt da Silva (Fabes)  
Faculdades Integradas de Jacarepaguá  
Faculdades Integradas Simonsen  
Fundação Educacional Unificada Campograndense (Feuc)  
Instituto Metodista Bennett  
Sociedade de Ensino Pinheiro Guimarães  
UniverCidade  
Universidade Cândido Mendes  
Universidade Castelo Branco  
Universidade Estácio de Sá  
Universidade Santa Úrsula  
Universidade Veiga de Almeida

### Pré-escolar e ensino fundamental

Associação de Ensino Superior São Judas Tadeu  
Colégio da Cidade  
Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis (Cael)  
Colégio Magali  
Creche-escola Castelinho do Saber  
Liceu de Artes e Ofícios  
Sociedade de Ensino Pinheiro Guimarães

### Ensino médio e supletivo

Associação de Ensino Superior São Judas Tadeu  
Centro Educacional Modelar  
Colégio da Cidade  
Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis (Cael)  
Espaço Educacional VDL-Ebal  
Liceu de Artes e Ofícios  
Sociedade de Ensino Pinheiro Guimarães

# Das ruas às telas de cinema

Documentário sobre bate-bolas ajuda a entender aspectos da cultura da periferia do Rio de Janeiro

## TEXTO

MARIA INÊS DELORME

## IMAGENS

VIDEO CARNAVAL, BEXIGA,

FUNK' E SOMBRINHA, POR

GUILHERME VIDAL

Agonia, Caos, Cobra, Fascinação, Foice e Índio são alguns dos nomes com os quais se identificam as mais respeitadas turmas de clóvis ou bate-bolas da periferia do Rio de Janeiro. Nas ruas ou nos bailes, com seus coloridos macacões, casacas e assustadoras máscaras de morcego, diabo, morte, palhaço, burro e outros animais, os clóvis conseguem manter viva a tradição da brincadeira nos cerca de 100 grupos espalhados pela cidade. Toda a riqueza dessa história pode ser conhecida no documentário *Carnaval, bexiga, 'funk' e sombrinha*, dirigido por Marcus Vinicius Faustini, em exibição nos cinemas Unibanco Arteplex de Botafogo e, em São Paulo, no Cine Bombril.

Desde os tempos do entrudo, festa que deu origem ao carnaval que conhecemos hoje, os

clóvis já reinavam absolutos nas ruas da cidade. Tudo indica que o termo tenha se originado do inglês *clown*, que significa palhaço. De algum modo, eles guardam algumas características comuns aos ídolos da garotada como "as bochechas bem vermelhas, as sobrancelhas arqueadas, os cabelos de lã arrepiados e as cores berrantes de seus trajes", conforme registra a historiadora, cenógrafa, figurinista e carnavalesca Rosa Magalhães.

Os acessórios que levam nas mãos ajudam a diferenciar as turmas, sejam eles uma sombrinha, um borrifador de água, uma bandeira ou uma bexiga de boi atada a um cordão. As turmas são formadas por pessoas de todas as idades, etnias, crenças e religiosidade. Há casos de famílias inteiras brincando numa mesma turma. O mote é um só: sair às ruas nos dias de carnaval para brincar, dançar, cantar, tocar e festejar.

Além da diversão anônima que só termina na quarta-feira de cinzas, um ponto em comum entre esses grupos é a alegria, a animação e a capacidade de brincar – ainda que assustando e levando medo à criançada. A roupa, o rosto oculto pelas máscaras e o barulho produzido pelas bexigas quando atiradas com força ao chão compõem os elementos imprescindíveis à brincadeira.

Em geral os bate-bolas andam em grupos, o que favorece a formação de turmas nos bairros e vizinhanças. Somente na cidade do Rio de Janeiro cerca de 100 dessas turmas se rivalizam a cada ano na escolha dos temas que definem suas roupas e adereços. Mas, fora isso, todas elas estão unidas por ideais que refletem superação, orgulho e alegria, num carnaval pacífico, sem violência.

É possível arriscar que tenham sido esses tradicionais grupos os maiores responsáveis pelo resgate do carnaval carioca através dos blocos e grupos que desfilam hoje por quase todos os bairros da cidade. E, mesmo que a turma

## Ficha técnica

### *Carnaval, bexiga, 'funk' e sombrinha*

- **Categoria:** audiovisual – documentário
- **Resumo:** o carnaval tendo como foco os clóvis, conhecidos na periferia do Rio de Janeiro como bate-bolas. As diferentes turmas de bate-bola são magnificadas como manifestação popular neste documentário que, ao mesmo tempo, estreita e revitaliza a histórica relação do cinema brasileiro com o carnaval.
- **Duração:** 63 min
- **Direção:** Marcus Vinicius Faustini
- **Produção:** KL Produções, Projeto Reperiferia





toda não vá ao bloco, tem sempre pelo menos um bate-bola no samba para garantir a presença na folia.

Nas diferentes turmas é possível ouvir, dançar e brincar com diferentes tipos de música – samba, pagode, rap e *funk* – sem perder o tom. Foliões conseguem esquecer os problemas e minimizar as diferenças em nome da brincadeira que, segundo eles, se opõe ao conceito de carnaval como período de descanso e de retirada da cidade, como argumenta Leo, líder da Turma do Caos, de Jacarepaguá: “A gente tem o ano todo para viajar e descansar, ir às praias da Barra, que ficam logo aqui pertinho, ou para a Região dos Lagos... mas para brincar, não: são só esses quatro dias”.

A partir do filme de Marcus Vinicius Faustini, professores e alunos poderão pesquisar, estudar, compreender e legitimar essas e outras manifestações culturais (de determinados grupos, de certos bairros da cidade e do país), que se misturam com outras questões igualmente im-

portantes, como o mundo do trabalho, os espaços e tempos da cidade, a ludicidade e o lazer, a música e as artes, as questões de gênero e seus universos simbólicos.

Há muitos bairros do Rio que ainda mantêm vivas tradições e festas populares como as pastorinhas, a malhação de Judas nos sábados de aleluia, as folias de reis, as quadrilhas de São João (como a conhecida Tiririca, de Quintino), o jongo da Serrinha, as festas do Divino Espírito Santo, a passagem de ano na Praia de Copacabana e tantas outras.

Ao refazer os fios da história, é possível descobrir as origens dessas tradições e compreender as formas pelas quais cada uma delas opera e se expressa – música, dança, pinturas nos corpos, alegorias, espaços, tempos etc. Também é possível entender por que algumas dessas tradições se mantêm, por que surgem novas manifestações, comportamentos e festejos (que podem se tornar tradicionais ou não) e por que outras desaparecem. ■



# Novidades na programação

Atrações inéditas para crianças e produções com nova roupagem são destaques em 2006



Luz, câmera, ação. Em 2006, a MULTIRIO vai apresentar novidades na programação que exhibe diariamente na Band e nos canais 12 e 14 da Net. Programas consagrados pelo público – como o diário *Rio, a cidade!* e o semanal *Nós da escola* – vão contar com inovações. Também estão previstas produções inéditas, dedicadas a crianças, jovens e adultos. Entre elas, destacam-se *UniduniTV*, que está sendo criado especialmente para crianças de três a seis anos; *Matinta Pereira*, quarta animação da premiada série *Juro que vi*; e diferentes formatos para *Encontros com a mídia*. Uma nova série falará sobre lugares especiais do Rio de Janeiro, enfocando aspectos geográficos e históricos da cidade.

O primeiro a ir ao ar com nova roupagem, desde o dia 6 de março, é o *Rio, a Cidade!*, que entra no sexto ano e se aproxima do milésimo programa. A apresentação segue a cargo da jornalista Katia Chalita, no posto desde a primeira edição. Katia conduzirá os debates, agora organizados sob grandes eixos temáticos, distribuídos pelos dias da semana. Entre os temas estão cidadania, ciências políticas e políticas públicas (às segundas-feiras); saúde (às terças); educação, família e comportamento (às quartas); arte e cultura (às quintas); além de pautas variadas, de qualquer editoria (às sextas-feiras).

#### TEXTO

ALESSANDRA SAUBERMAN

#### IMAGENS

SÉRIES EM EXIBIÇÃO

NA MULTIRIO

Questões mundiais discutidas por especialistas de renome terão espaço. “Prevemos assuntos como globalização, choque de civilizações e a nova geopolítica do globo”, explica a editora-

chefe Norma Nascimento. De acordo com a jornalista, a interatividade com o público será mantida em alta. “Nosso programa é um canal aberto entre o cidadão e a administração pública municipal. Encaminhamos as demandas às ouvidorias competentes”, acrescenta.

**Aos mestres** – Além de apresentador e equipe novos, o *Nós da escola* volta reformulado. Somado ao tradicional estilo de revista eletrônica, haverá episódios em ritmo de documentário. “Em alguns deles, falaremos sobre os novos fascículos de atualização da multieducação, ciclagem, e diferentes áreas de conhecimento”, conta Maria Teresa Lacerda, da Diretoria de Mídia e Educação da MULTIRIO. Outra seção trará uma série investigativa sobre as rotinas da educação infantil e do ensino fundamental. Tudo sob a consultoria da Secretaria Municipal de Educação (SME).

O diretor Tomil Gonçalves continuará, com a equipe, percorrendo as escolas da rede municipal de ensino para retratar experiências bem-sucedidas nas salas de aula, bem como iniciativas positivas para toda a Rede. Os resultados serão exibidos nos quadros já existentes – Multidéias, Faz tudo, Mapa da mina e Na estante – e nas atrações inéditas – Saiba mais e Qualidade de vida. Em 2005, a produção visitou 77 escolas do município.

**Nova lenda** – Para as crianças, o presente é *Matinta Pereira*, quarta animação da premiada série *Juro que vi*, que está em fase de finalização. O desenho foi produzido pelos profissionais da



MULTIRIO nos mesmos moldes de *O curupira*, *O boto* e *Iara*: com a colaboração dos alunos da Escola Municipal George Sumner, no Riachuelo. Os pequenos co-roteiristas revisitaram a lenda da velha acompanhada de seu pássaro que perturba o sono das pessoas em busca de fumo e descobriram toda a beleza e sabedoria existentes na relação entre criança e idoso.

Os adolescentes também têm programação variada especialmente preparada para eles. Continuam sendo exibidos *Aventuras cariocas*, com suas expedições pelos diversos ecossistemas do Rio,

e *Abrindo o verbo*, um papo direto com os jovens sobre profissão, carreira e futuro dos estudos. Já *Encontros com a mídia* terá novidades, com o objetivo de aprofundar os debates sobre a importância da mídia, tendo como foco central a escola.

Outra produção, na linha do premiado *Aventuras cariocas*, está em desenvolvimento. Ainda sem nome e previsão de estreia, promete levar os jovens aos quatro cantos do Rio de Janeiro e, de lá, contar a eles curiosidades históricas e geográficas do lugar. ■

## O que há de novo no Século XX1

Não é só a TV que exhibe produções inéditas e especiais em 2006. O Portal Multirio e o site Século XX1 também passaram por reformas e apresentam projetos visual e editorial mais modernos, interativos e voltados a professores, alunos da Rede e suas famílias. Há novas coletâneas de textos na página do Século XX1 em quatro de suas chaves-temáticas: *Guerra*; *O novo mundo do trabalho*; *Violência, cidadania e juventude*; *Funk & rap*. Na primeira, o destaque é a globalização dos conflitos. Matérias como *As múltiplas formas de terrorismo*, *Os múltiplos interesses por trás da guerra* ou *Militarização dos conflitos por meio da força* são alguns exemplos do que já está no ar, com assinatura de especialistas de diversas instituições.

Em *O novo mundo do trabalho* a atenção vai para o desemprego globalizado. Entrevistas, matérias e reportagens revelam as dificuldades mais frequentes entre os jovens na hora de escolher uma profissão e ainda quais

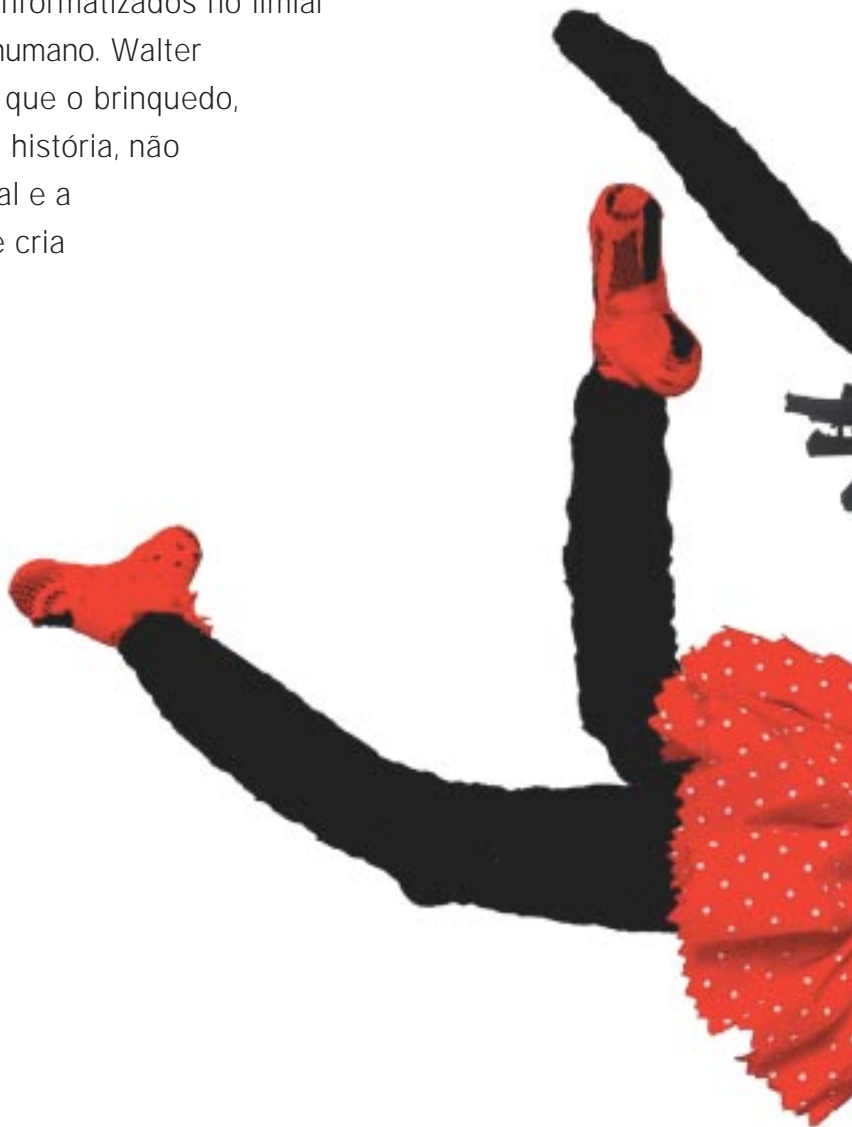


são os tipos de profissionais que não existem no mercado de trabalho, mas que as empresas querem contratar. O universo *funk* retratado em todos os seus desdobramentos – musicais, culturais e sociais – marca a atualização da chave *Funk & Rap*.

Finalmente, a desigualdade social como origem da violência; maioridade penal; o fenômeno da sociedade encasulada; e violência, um problema de saúde pública, são as novidades da chave *Violência, cidadania e juventude*. O programa Século XX1 é um dos projetos especiais da MULTIRIO e pode ser acessado em [www.multirio.rj.gov.br/seculo21](http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21).

# Em cada época, uma nova concepção do que é brincar

A ludicidade é inerente ao processo de formação do homem. Seja com uma pedra ou uma folha caída de uma árvore, toda criança brincou um dia, desde os primórdios de sua existência. Ao longo da história, o ato de brincar, além de acionar relações intrapsíquicas, tornou-se um dos meios de constituir relações entre crianças e adultos e de transmitir de geração a geração saberes e práticas culturais comuns às sociedades. Uma constante que persiste até os nossos dias, em que além das formas tradicionais do brincar encontramos brinquedos informatizados no limiar do desenvolvimento tecnológico humano. Walter Benjamin (1892-1940) escreveu que o brinquedo, como objeto da arte de brincar na história, não imita simplesmente o mundo social e a realidade dos adultos. Na verdade cria formas de estabelecer relações entre gerações e favorece a socialização das crianças. Brincar, jogar e tantas outras formas de construir a ludicidade são, assim, práticas históricas, culturalmente determinadas e por isso mesmo múltiplas e em permanente mudança.





A ludicidade é fundamental para que os seres humanos criem fantasias, desenvolvam a criatividade e a autonomia. Exercitá-la permite a construção de uma ampla capacidade de leitura do mundo e de exploração de significados e sentidos plurais para a vida social, viabilizando a subjetividade, a representação e a interpretação aberta das regras e normas de convívio.

“Ao brincar, desenvolvemos funções cognitivas e físicas como a motricidade, a linguagem, a percepção, a memória, a afetividade e sobretudo a interação com o outro. Desenvolvemos também a comunicação, a relação interpessoal e a capacidade subjetiva de negociar constantemente as regras sociais e suas possibilidades de transformação”, afirma a educadora e historiadora Alessandra Frota Martinez de

Schueler, professora de História da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na UniLaSalle-RJ Institutos Superiores de Ensino. Mais do que isso, ela acrescenta, o lúdico favorece a criação da percepção humana para os significados múltiplos e contraditórios presentes nos signos culturais da época em que o indivíduo vive, através do diálogo entre o seu interior, o pensamento verbal e o exterior, o mundo social e suas relações.

O lúdico acompanha o homem na sua história. As manifestações da ludicidade, seja através dos jogos, da dança, da música, das artes pictóricas e iconográficas, ou da construção de brinquedos e artefatos para o exercício do brincar, estão presentes desde a pré-história. Pinturas rupestres, que duram até os nossos dias, ►



TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

BONECAS ABAYOMIS, POR  
IVONE PEREZ

são o registro mais visível dessa relação. Entretanto essas manifestações exercem funções diversas e incorporam significados distintos, de acordo com a época e a sociedade em que ocorrem. O exercício do lúdico depende do seu significado nas diferentes culturas, que variam no tempo e no espaço.

Nas sociedades antigas encontramos práticas lúdicas variadas, jogos e brincadeiras entre crianças e adultos, voltados à formação do indivíduo. Nelas, a prática do lúdico não está isolada, mas ligada à cultura e à religião. Na Grécia e em Roma, a formação do menino nas artes da guerra e da pesca envolvia elementos lúdicos. Os jogos olímpicos representam uma antiga tradição de manifestação do ludismo que associa o esporte, a competição, a festa e o espetáculo a um conteúdo religioso, de culto aos deuses.

Nas sociedades ágrafas (de tradição oral, que não desenvolveram a escrita) a contação de histórias, mitos e lendas tinha o papel de transmitir a cultura, as tradições e a religião, criando elos entre gerações e relacionando as crianças ao mundo adulto. *A Ilíada* e *a Odisséia*, as obras mais antigas de que se tem notícia na história grega e cuja autoria é atribuída a Homero, são poemas cuja origem remonta possivelmente ao século VIII a.C. e que foram transmitidos oralmente através de gerações, ganhando versão escrita apenas no século VI a.C.

No Brasil colonial, os jesuítas utilizaram iconografia, teatro, canto, dança e tradições indígenas para catequizar os índios. Em seu artigo *Pipa, pião e chicote*<sup>1</sup>, a educadora Renata Meirelles cita os bодоques, espécie de atiradeira que serve para arremessar pedras. De origem moura,

## Uma brincadeira até na hora de fazer

Recheada de valores que nos remetem à arte popular, à cultura afro-brasileira e à religiosidade. Assim é Abayomi, uma boneca de pano negra, criada pela artista Lena Martins, há 17 anos, cujas fotos ilustram bem esta matéria. Feita a partir de retalhos, ela tem um diferencial: na sua confecção não se usa cola nem costura. A boneca surgiu de uma forma despretensiosa, quando a artesã brincava distraidamente com vários pedaços de pano que estavam sobre uma mesa. Ela começou a enrolá-los e a amarrá-los e o resultado foi uma boneca que mal podia ser reconhecida como tal. Hoje a técnica foi aperfeiçoada e as abayomis são conhecidas por suas características peculiares e repletas de significados.

“Enquanto esperava para dar uma aula de artesanato a professores, comecei a mexer nos panos. A primeira boneca era quase um amontoado de retalhos enrolados. Mas de uma forma lúdica ela estava traduzindo meus questionamentos daquele momento. Tudo o que a gente faz com as mãos é uma notícia do inconsciente”, ensina Lena.

Militante de causas pela valorização da raça negra, a criadora da Abayomi resolveu transformá-la em uma representação humana da afro-descendência, sempre com uma referência positiva. “Tudo o que a gente faz no mundo pode ser representado por uma boneca negra. Além de mostrar aspectos da nossa ancestralidade afro-brasileira, também posso criar um anjo, uma rainha ou uma santa”, ressalta a artesã.

As bonecas podem representar qualquer universo: orixás do Candomblé, jongueiros e caixeiros do Divino Espírito Santo, mas também retratar brincadeiras populares como ciranda de roda e soltar pipa, além de personagens de circo e de contos de fadas. O nome Abayomi, veio da língua yorubá e significa “meu presente ou meu momento”.

Hoje, além de Lena, oito artesãs confeccionam as bonecas. Durante o trabalho, elas abusam da ludicidade, sem esquecer de passar à frente suas raízes: cantam, lêem poesias e contam lendas umas para as outras. “Eu não quero simplesmente que se aprenda a enrolar panos, mas que absorvam a valorização da cultura negra. Não há bonecas brancas, marrons – todas são negras”, explica a artista. Para ela, a grande brincadeira durante a criação das abayomis é descobrir novas formas de amarrar, capazes de deixar desconcertado quem examina as bonecas, acreditando que não existe qualquer tipo de costura. (Carolina Bessa)



esses artefatos foram utilizados até 1498 como instrumentos de guerra na Europa. Mais tarde foram adotados pelos portugueses, e no Brasil viraram brinquedo de meninos de engenho, que os utilizavam para caçar passarinhos.

As pipas de empinar tiveram sua origem no Oriente e chegaram ao estado do Maranhão por mãos portuguesas no século XVI, como registra a educadora Tizuko Morchida Kishimoto em seu livro *Jogos tradicionais infantis – o jogo, a criança e a educação*. O brinquedo foi criado em 206 a.C. por um general chinês e usado como instrumento de comunicação entre soldados, enviando notícias a locais sitiados ou transmitindo pedidos de ajuda.

**Sentido de infância** – Diverso em categorias como classe, gênero, etnia e faixa etária, o exercício da ludicidade varia ao longo do tempo de acordo com representações culturais sobre o significado do que é viver a infância e do que é ser criança. A idéia de infância como fase específica da vida humana surgiu tardiamente na história das sociedades ocidentais, sobretudo nas européias. A ausência do sentido de infância como estágio específico do desenvolvimento do ser humano persistiu até o fim da Idade Média. Nas sociedades medievais, o lúdico estava intensamente presente entre adultos em suas festas religiosas e profanas, ou nas feiras, confundindo trabalho e lazer, público e privado.

O novo conceito de infância só aparece na virada do século XVII para o XVIII, quando passa a ser definida como a fase em que o ser humano é ingênuo e frágil e precisa do auxílio de adultos para garantir o seu bem-estar. Até essa época não havia distinção muito rígida entre crianças e adultos. Nisto se incluía sua participação em festas, brincadeiras e jogos, nas atividades de trabalho familiar e nas demais práticas sociais.

A dissociação entre infância e fase adulta consolidou uma nova categoria conceitual no decorrer do século XIX. “Naquele período, de acordo com o historiador Philippe Ariès, criaram-se espaços especializados para o cuidado com a infância: as escolas primárias, os jardins de infância, os asilos<sup>2</sup>, os colégios e, depois, as creches e pré-escolas. Ele denominou os anos 1800 como o ‘século da infância’”, explica Alessandra de Schueler.

**Manufatura de brinquedos** – Até o final do século XVIII o brincar sempre foi uma atividade coletiva, comum a crianças e adultos. Com o advento da Revolução Industrial, onde antes predominavam as atividades agrícolas, ganhou vigor a produção de bens em grande escala. De acordo com a educadora Adriana Friedmann, no artigo *O papel do brincar na cultura contemporânea*<sup>3</sup>, o brincar era corporal, socializado e prescindia de objetos e brinquedos. Com a mudança, tornou-se segmentado, passando a fazer parte especificamente da vida das crianças. Ele entra também na escola, passando a ter objetivos educacionais.

Walter Benjamin afirma que antes do século XVIII, na Europa Ocidental, os brinquedos e objetos utilizados para brincar eram na maioria das vezes construídos pelos próprios donos e partilhados nas festividades e reuniões coletivas. “Além disso, práticas corporais, como a dança, o canto, a oralidade, o teatro, a contação de histórias e as narrativas orais produziam uma grande diversidade de formas do lúdico que não se restringiam ao brinquedo, como aconteceu posteriormente com o desenvolvimento de uma indústria cultural voltada à infância”, ressalta Alessandra de Schueler. Nessa indústria, podemos incluir as manufaturas de brinquedos, as editoras especializadas em livros infantis e materiais didáticos e a imprensa direcionada à infância. ▶



## SAIBA MAIS

### Livros

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. São Paulo, LTC, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo, Duas Cidades, 2002.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos tradicionais infantis – o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis, Vozes, 2001.

### Página na internet

- Abayomi  
[www.abayomi.com.br](http://www.abayomi.com.br)

<sup>1</sup> Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 1, n. 4, out. 2005

<sup>2</sup> Termo utilizado à época para designar espaços que abrigavam crianças.

<sup>3</sup> Disponível em [www.nepsid.com.br/opapeldobricart.htm](http://www.nepsid.com.br/opapeldobricart.htm)



## A ludicidade como fator libertador

Para o filósofo Leandro Konder, professor da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), a dimensão lúdica representa uma forma de oposição ao pensamento constituído, à ideologia codificada. Por isso mesmo, segundo ele, a ludicidade pode funcionar como ferramenta libertadora do riso, do divertimento, aspectos tão importantes para o sucesso da prática do professor em sala de aula.

### Como o lúdico é visto pela sociedade?

— O lúdico é meio desqualificado. A ciência é vista como uma atividade séria, de homens sérios. Entretanto, a verdadeira seriedade não está na aparência destes homens sérios. Essas aparências enganam. Então, em que consiste a seriedade? Em um conteúdo que é perfeitamente compatível com o riso, com a brincadeira, com o divertimento, com o efeito fugaz da comicidade. Não se pode ler *Macunaima*, de Mário de Andrade [1893-1945], sério. Mas o fato de você ler o livro rindo não diminui em nada o valor literário da obra, a sua importância como documento histórico da literatura brasileira.

### Qual a importância da ludicidade na educação?

— O lúdico é uma dimensão essencial no trabalho do conhecimento e, portanto, no trabalho do educador. Por quê? Porque o lúdico tem o efeito de desarmar construções dogmáticas. O lúdico não é revolucionário, não tem obrigações políticas, mas ele dificulta a construção da doutrina, a transformação de uma teoria que é aberta em uma doutrina, que é sempre fechada. A teoria, sendo aberta, dá conta de aspectos mais surpreendentes do real. O real, a cada contato, é novo, surpreende, é infinito, inesgotável. O lúdico ajuda a preservar essa percepção da nossa parte. A educação precisa aproveitar melhor o espírito lúdico, até para libertar mais o riso, o divertimento, o agradável. O agradável também pode ter dimensão crítica. Além do que é melhor que nossas obras sejam agradáveis do que chatas.

### Como a ludicidade mudou através da história?

— A ludicidade perdura ao longo de todo o processo histórico. A história tem sido uma modificação de formas de rir. O historiador Norbert Elias [1897-1990] diz que há formas diferentes de rir: uns riem abrindo a boca, outros se seguram para sorrir. As formas de rir variam muito: nem todo mundo ri de tudo. A diferença dos momentos é fundamental. Tomemos como exemplo o caso recente das charges do profeta Maomé. Nós, que somos formados na cultura do Ocidente, rimos, mas os muçulmanos não riem. (F.A)

A partir de meados do século XIX, afirma a professora, a indústria cultural e os produtos para a infância invadem os mercados europeus, divulgados por catálogos e *stands* especializados de exposições internacionais. Ingressam também na sociedade brasileira, sobretudo nas capitais e nas grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. “O brinquedo aos poucos se torna objeto de consumo das famílias e crianças, ao mesmo tempo em que há maior individualização da própria infância e a afirmação do modelo familiar nucleado moderno, denominado ‘burguês’ por Arriès”, acrescenta.

A educadora Tizuko Morchida Kishimoto, professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo (USP), diz que a indústria de brinquedos surgida com a Revolução Industrial possibilitou a compra de objetos do desejo infantil. Antes, os brinquedos vendidos eram produzidos artesanalmente e, por isso, eram caros e pouco disponíveis. “Brincava-se mais coletivamente por várias razões: o modo de vida da população era outro, mais tranquilo, com poucas opções no campo individual. Brincava-se nas ruas, em grandes espaços públicos, geralmente com o uso do corpo. O pintor holandês Pieter Brueghel [1525?-1569], em seu quadro *Jogos infantis*, de 1560, descreveu 84 brincadeiras diferentes”, comenta.

A forma nuclear de organização familiar transformou o ambiente do brincar, que passou a privilegiar poucos parceiros. O crescimento das cidades, dos empreendimentos imobiliários, das indústrias e do comércio tirou da rua o espaço das brincadeiras e o restringiu a apartamentos ou a áreas delimitadas. A crescente urbanização além de diminuir o espaço das brincadeiras resultou no aumento dos índices de violência e conseqüentemente na falta de segurança nas ruas das grandes cidades.

A Revolução Industrial marca ainda a institucionalização do conceito de criança e a entrada da mulher no mercado de trabalho, significando que ela passará menos tempo com seus filhos. Tudo isso, aliado ao surgimento do brinquedo industrializado, torna o brincar mais solitário. “A privatização do modo de vida também privatizou os brinquedos e a indústria transformou o desejo em realidade”, frisa Tizuko Kishimoto.



O pintor holandês Pieter Bruegel reproduziu no quadro *Jogos infantis*, de 1560, sua idéia do que é brincar

**Resgate do lúdico** – Segundo Adriana Friedman, vivemos hoje o contexto globalizado da sociedade pós-industrial, caracterizado pela informatização, pela aceleração descontrolada das informações e descobertas e por grandes avanços nas comunicações. A educadora situa “uma necessidade e um movimento do ser humano para o resgate de suas raízes mais profundas, das suas razões de ser e de existir: uma ‘fome’ de autodesenvolvimento para não ser devorado pelos imensuráveis estímulos que o cotidiano lhe apresenta. Todos esses fatores traduzem-se em uma crise de valores”.

O adulto hoje resgata a necessidade de experimentar e vivenciar o lúdico. Comumente, à medida que amadurece, o ser humano acaba por reprimir sua ludicidade pela valorização excessiva da razão e das amarras sociais que situam o lúdico como função de crianças e idosos. Do adulto inserido no setor produtivo da sociedade é exigida uma seriedade condizente com seu papel social. A sociedade capitalista tende a encarar o brincar como perda de tempo. Como não se trata de atividade ligada à produção, torna-se algo fútil, sem propósito e, por conta

disso perpetuam-se no inconsciente coletivo máximas construídas ao longo da história, como “homem não brinca”, “brincar não é sério, sério é educação”, “brincar e educar são opostos”.

Mas esta percepção não encontra mais espaço. Está em curso uma mudança nas concepções sobre o homem e sua educação. “As ciências do cérebro e a medicina descobrem o impacto do estresse na vida do homem e os efeitos do bem-estar no desenvolvimento do bebê. Essas descobertas mudam o rumo de nossas concepções. Se há impacto na vida – não só das crianças mas também do adulto –, o riso, o humor, a metacomunicação, o ócio começam a fazer parte da mais-valia dos tempos atuais”, explica Tizuko Kishimoto.

Na discussão sobre o uso do tempo livre, a questão do brincar está no centro. Aqui falamos não só do tempo livre da criança, mas também do de adolescentes, idosos e sobretudo do adulto. As atividades de lazer passam a assumir grande relevância como oportunidade de manifestação do lúdico. ►

**Lazer e trabalho** – Mas há na sociedade capitalista uma concepção que subordina o lazer ao trabalho. A educadora e cientista social Cristina Borges de Oliveira, em seu artigo *Sobre lazer, tempo e trabalho na sociedade de consumo*<sup>4</sup>, conceitua o “tempo das necessidades” como todas as formas através das quais o homem garante a satisfação de suas necessidades básicas como alimentação, moradia e vestuário, enfim, os subsídios necessários à manutenção da vida material e física.

O lazer se torna o oposto do que é necessário ao ser humano, algo supérfluo ou menor. “Há, nesta perspectiva, uma preocupação com a manutenção da vida biológica, mas não da vida especificamente humana, portanto, vida em sociedade e repleta de interações”, resalta Cristina Oliveira.

É preciso entender que o lazer, cuja característica fundamental é o exercício do lúdico, é uma necessidade básica do ser humano. O homem não mantém a sua existência somente através

## O simbolismo do brincar da criança

ADRIANA FRIEDMANN\*

O brincar, assim como a arte, o movimento, a expressão plástica, verbal e musical, pode ser considerado como uma linguagem através da qual as crianças se comunicam, entre si e com os adultos. O brincar é um sistema de signos que representa de forma inconsciente a vida real, sob o olhar daquele que brinca (o jogo simbólico, por exemplo); o brinquedo ou os objetos utilizados no jogo representam uma ponte, um meio de comunicação, a partir do qual designa-se uma realidade mais complexa.

O brincar traz de volta a alma da nossa criança: no ato de brincar, o ser humano se mostra na sua essência, sem sabê-lo, de forma inconsciente. O brincante troca, socializa, coopera e compete, ganha e perde. Emociona-se, grita, chora, ri, perde a paciência, fica ansioso, aliviado. Erra, acerta. Põe em jogo o seu corpo inteiro: suas habilidades motoras e de movimento vêm-se desafiadas.

No brincar, o ser humano imita, medita, sonha, imagina. Seus desejos e seus medos transformam-se naquele segundo em realidade. O brincar descortina um mundo possível e imaginário para os brincantes. O brincar convida a ser eu mesmo.

Tanto os brinquedos quanto as brincadeiras, assim como as atitudes dos brincantes, constituem um sistema de signos, uma linguagem, que precisamos aprender a ouvir, a decifrar, a compreender.

A linguagem do brincar caracteriza-se pela sua universalidade: ela é tão antiga quanto a existência do ser humano, atravessando o tempo e as fronteiras. Uma

linguagem que se tem perpetuado na forma, apesar de os seus conteúdos se transformarem.

O brincar pode ser lido e interpretado de forma científica, acadêmica, analítica, clínica. Universal, histórica, regional, cultural, folclórica. E também sob um olhar místico, ritualístico, simbólico, misterioso. Inúmeros teóricos têm contribuído com suas leituras construtivistas, pedagógicas, psicológicas, sociológicas, biológicas, antropológicas.

Partindo de um panorama histórico do brincar observa-se que seu simbolismo era inerente e fundamental e foi se perdendo ao longo do caminho. É possível fazer uma releitura hoje deste universo lúdico partindo dos fatos e materiais concretos, passando por uma visão mais ecológica, cooperativa, resgatando o simbolismo mais profundo de jogos, brinquedos e brincadeiras e adentrando o universo transcendente da ludicidade, com o intuito de complementar e integrar o universo das contribuições e pesquisas já realizadas nesta área.

Apresento, a título de exemplo, uma proposta de leitura da amarelinha com relação ao seu simbolismo externo.

Também conhecida como macaca, semana, aeroplano ou homem, em francês, *marelle* – malha, pedra achatada cujo significado está relacionado com a moral. Na China a amarelinha está ligada ao dragão. A diversidade de nomenclaturas já espelha uma significação simbólica.

O desenho representa o itinerário de um herói em busca do seu objetivo. É a imagem simplificada do plano de



do suprimento de suas necessidades materiais. Como afirma Cristina, "o ser humano não se mantém vivo (...) unicamente pela manutenção da vida física e material, mas incorpora a tal aspecto, de forma indissociável, a dimensão ímpar da vida subjetiva", cujas condições são proporcionadas pelo lazer, entre outros fatores.

A partir desta perspectiva, é preciso reconhecer o direito de todos usufruírem esta possibilidade de vivência do lúdico, que precisa ser considerada essencial, da mesma forma como

casa, comida e vestuário. Exercer plenamente a ludicidade é fundamental para a saúde física, emocional e intelectual do indivíduo. Desde os primórdios, o homem sente a necessidade de manifestar essa característica que lhe é peculiar e que influenciou toda a nossa cultura ao longo do tempo. É essencialmente o que nos torna humanos. ■



uma catedral – o jogo vai da origem ao paraíso. No plano horizontal – ponte, passagem difícil. Os jogos estão em geral em um plano horizontal. Essa horizontalidade sugere que o jogo não seria um fator de progresso espiritual. Por essa, entre outras razões, os jogos eram condenados por autoridades religiosas como fúteis: por não permitirem a elevação da alma, pois ficavam na Terra; porque podiam suscitar paixões violentas; por não produzirem obras nem bens; por não poder se confiar neles.

Também conhecida como escada de Jacó – subida ao céu, paraíso – significava progresso de ordem espiritual.

A regra de não pisar nas linhas e jogar a pedra dentro de uma casa espelha a necessidade de saber onde se está, se dentro de uma fronteira, ao abrigo da incerteza e do caos.

O itinerário para o paraíso é feito de etapas, de desafios. As dúvidas, situações ambíguas são sancionadas.

Pula-se em um pé só: quem anda em um pé é coxo. O pé é símbolo da alma, então o coxo revela um "defeito" da alma, espiritual.

Evoca-se o louco do tarô, cujo simbolismo lembra a proposta de um caminho espiritual para o paraíso que é onde está a luz.

O jogador que empurra com o pé sua alma-pedra é da melhor espécie, pois ele "simula". Quando chega ao paraíso, irá plantar os dois pés na Terra. No retorno, outras dificuldades podem aparecer.

Variação: quando a pedra é colocada sobre o pé que está no ar é um retorno da alma (pedra) ao seu lugar natural, o corpo.

Apresento, a continuação, uma proposta de leitura do simbolismo interno do ato de brincar.

Olhemos para uma criança brincando: suas atitudes, sua expressão corporal, seus gestos, seus diálogos com os objetos ou com outras crianças, seu movimento, quase que uma dança, a história criada e inventada, as frases imitadas e outras criadas.

Quanta coisa a criança está dizendo!? Perceba o gesto, o movimento: consigo enxergá-lo, ter um olhar menos fixo, mais fluido? O que a imagem do ato de brincar que tenho diante de mim está me dizendo? Ouça, observe, sinta tudo o que ela expressa neste ato de brincar no qual ela tem a oportunidade de ser ela mesma, das profundezas do seu ser.

Quanta riqueza a criança mostra-nos numa singela brincadeira que de tão simples pode parecer tão inocente, mas quão cheia de significados ocultos que deixamos passar... Observe, reflita, faça suas analogias, entre neste universo, escute, não fale, não pergunte, ouça com seu coração e um novo caminho do universo infantil irá se desvendar.

---

Este artigo é parte do livro *O universo simbólico da criança*, publicado pela Editora Vozes.

\*Pedagoga pela Universidade Estadual de São Paulo (USP); mestre em Metodologia do Ensino pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); autora e co-autora de livros sobre ludicidade e infância.

# Biblioteca criada a céu aberto

Movimento Livro Livre busca alternativa às formas tradicionais de acesso à leitura em locais públicos

Uma pessoa vai até o orelhão e antes de digitar o número de destino percebe que alguém deixou ali um livro de Machado de Assis. Durante a ligação, resolve folhear o livro abandonado. Ao abri-lo, repara um bilhete preso com grampo às primeiras páginas. A conversa com o outro lado da linha de repente fica sem importância, porque o recado escrito à mão é surpreendente: “Olá! Este livro *te* pertence apenas o tempo necessário para a sua leitura. Quando terminar de ler, deve liberá-lo da mesma forma que o encontrou. Espero que aprecie estas páginas!”.

Pode parecer a sinopse de um conto do próprio Machado de Assis, um quebra-cabeça de Júlio Cortázar<sup>1</sup>, ou mesmo o mote perfeito para um labirinto de Borges<sup>2</sup>. Mas a ficção aqui é baseada em fatos reais. Na verdade a cena resulta de uma ação do Movimento Livro Livre, uma iniciativa de organizações da sociedade civil de diversos países, cuja finalidade é que a cada dia mais e mais pessoas possam desfrutar os prazeres da leitura. A idéia é norteadada pela certeza de que ler é fundamental à experiência huma-

na – uma forma de alimentar o intelecto e o espírito e tão importante quanto trabalho e lazer.

O Livro Livre foi criado para resgatar a obra intelectual de seu destino mais lastimável: o ócio nas estantes. O movimento trabalha com a premissa de que a cultura em sua forma impressa não deve ficar guardada nas prateleiras de casa, ou amontoada no esquecimento, distante do manuseio e da leitura. A prática é aparentemente simples. Consiste em deixar um livro em locais públicos, como centros comerciais, ônibus, restaurantes e bancos de praças. Os organizadores recomendam anexar ao livro a seguinte frase: “Este é um livro livre. Não o esqueci. Está aqui para você, que o achou”.

Um das coordenadoras do movimento no Brasil, Ana Cecília Pacheco, lembra que o Livro Livre surgiu na internet, em 11 de setembro de 2003: “Achei a idéia interessante e fiquei sabendo de pessoas que liberaram e encontraram livros naquele dia, ainda que não tenha havido uma adesão massiva. Comecei a pesquisar outras iniciativas e descobri que isso acontecia de várias maneiras, em vários lugares da América Latina e do mundo. A única coisa que encontrei foi uma comunidade no Orkut, organizada por alguém de São Paulo. A partir daí comecei a falar com as pessoas e a organizar o movimento”.

Jornalista, mestre em ciências sociais e integrante da equipe do Centro Internacional de Referência em Mídia para Crianças e Adolescentes da MULTIRIO, Ana Cecília avalia que é difícil dizer que tipo de obra pode ser recomendado para liberar: “Há sempre um livro certo para o leitor certo. Recomendo que as pessoas liberem livros dos quais gostem, que foram ou são importantes para elas ou que imaginem possam ser úteis para alguém. Sei que é mais difícil você se desfazer de determinados livros. A idéia não é de sacrifício, mas um exercício de compartilhar. Eu utilizaria o seguinte critério: que livro você gostaria de encontrar na rua?”

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTOS

DIVULGAÇÃO



Em 20 de janeiro, houve um evento Livro Livre em Ipanema

Além da identificação do projeto, ela recomenda detalhar no bilhete o motivo pelo qual o livro foi deixado e pedir para que seja novamente disponibilizado em local público depois de lido. Quem libera o exemplar pode também informar seu endereço de correio eletrônico para conhecer quem o encontrou ou estabelecer uma futura interlocução literária. O dia para a liberação dos livros fica a critério de cada um, mas a preferência é que aconteça no dia 5 de cada mês. Quem resolver participar pode também enviar e-mail para os organizadores do movimento informando o título da obra e o local onde foi deixada.<sup>3</sup>



Não existe intervenção de qualquer instituição pública ou privada e os convidados a participar são pessoas comuns interessadas em difundir a leitura através de um método divertido e humano. *Slogans* como “Um livro guardado é como medicina que não cura”, “É importante que pratiquemos o desapego às coisas”, “Livros como asas. Livros dão asas”, “Livros compartilhados são livros felizes” e “Sem proposta não há protesto” dão o tom do movimento, que já conta com a participação de mais de 20 mil pessoas em países da Europa e América Latina.

O Livro Livre já chegou à cidade do Rio e teve a sua primeira ação deflagrada no último dia 20 de janeiro, feriado municipal. Os livros foram disponibilizados no Calçadão de Ipanema e segundo os organizadores o ato causou estranheza e desconfiança aos transeuntes ao perceberem

que os exemplares estavam sendo doados e não vendidos. Foram distribuídos marcadores de livros com informações sobre o projeto e panfletos em busca de novas adesões. Os livros livres da cidade já estiveram expostos também na Quinta da Boa Vista e no Largo da Carioca.

Nesses encontros com a população, os organizadores cariocas do Livro Livre interagem com o público de forma criativa. Eles esbanjam bom humor ao criar o Oráculo do Livro, tiras de papel onde estão escritos nomes de obras clássicas da literatura brasileira, retiradas de um livro-urna. Outra brincadeira é o Livro Inventado, através da qual as pessoas podem idealizar um livro, escrevendo seu título no traje livresco do personagem El Increíble Hombre-Libro (O Incrível Homem-Libro), criado pelos próprios voluntários. O Coletivo Livro Livre espera fazer do Rio de Janeiro uma espécie de cidade-biblioteca.

Ana Cecília revela que seu maior sonho é ter uma cidade habitada por gente e por livros: “Esperamos incentivar a leitura e a troca de idéias. Criar uma grande biblioteca a céu aberto. Embora o considere um movimento político, sua principal característica é ser absolutamente livre. E não há nada de utilitário nele. No entanto, acreditamos que, para as pessoas, pode ser uma experiência engrandecedora liberar e encontrar livros. É claro que numa cidade com livros circulando há mais possibilidades de haver uma população leitora maior. Diferentemente da experiência clássica da biblioteca ou livraria, onde o leitor busca os livros, aqui os livros buscam o leitor”. ■

<sup>1</sup> O escritor argentino Júlio Cortázar criou diversos personagens que eram prisioneiros de suas próprias armadilhas, na maioria das vezes fantasias irrealizáveis. As histórias vão se desenrolando à medida que as personalidades inusitadas vão se relacionando. A maneira através da qual esses personagens vão lidar com esses quebra-cabeças ao longo da narrativa será decisiva para seu futuro.

<sup>2</sup> Também argentino, Jorge Luis Borges construiu sua prosa de forma altamente elaborada, com situações imprevisíveis e abordando temáticas como mitologia, filosofia e teologia com labirintos lógicos e “jogos de espelhos”. O escritor colombiano Gabriel García Márquez, em seu conto *Me alugo para sonhar*, comenta o jogo de sonhos recíprocos entre uma mulher e o poeta Pablo Neruda: “Parece um labirinto de Borges”.

<sup>3</sup> E-mail do Movimento Livro Livre: livrolivrebrasil@gmail.com

#### SAIBA MAIS

[www.livrolivre.com](http://www.livrolivre.com)  
[livrolivre.blogspot.com](http://livrolivre.blogspot.com)



# A avaliação que ensina

O erro mostra ao professor de que modo ele pode ser mais efetivo na constituição de saberes

Quem não se lembra de ter perdido horas de sono à véspera de uma prova na escola? Ou, ainda, de sentir as mãos trêmulas em situações como entrevistas ou apresentações em público? Até em uma simples visita ao médico ou num teste físico, a desagradável sensação de se submeter à avaliação alheia vem à tona. Mesmo depois de adultos, portanto, sabemos bem o efeito da simples menção a uma prova. Mas que consequências ela provoca no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes? É esta pergunta que o sétimo programa da série *Presente do futuro*, "Dia de prova", tenta responder. Enquanto a professora se vê às voltas com problemas da turma diante da prova de português, seu marido, que sofre antes de realizar um teste ergométrico, sentencia: "Como qualquer ser humano normal, eu odeio ser submetido a qualquer tipo de exame". Mas é a costureira empenhada na confecção do vestido para a festa de 15 anos de uma das alunas quem dá a melhor pista sobre o assunto: "Vamos ajustar. A prova foi feita para isso".

Idealmente, o papel da avaliação escolar é orientar o processo de aprendizagem, tanto para os alunos quanto para os professores. Um diagnóstico, por si só, não tem qualquer validade. De nada adianta classificar os alunos por letras ou números se o resultado não servir de guia à busca de melhorias, soluções alternativas para as dificuldades de aprendizado e construção conjunta de novas oportunidades de constituição de saberes e conhecimentos. Neste sentido, o temido dia da prova já deveria estar longe das salas de aula, ao menos com o peso de uma classificação única, homogeneizante e definitiva, que restringe a um só dia a avaliação de um processo longo, complexo e cheio de particularidades para cada um dos indivíduos envolvidos.

Desde 1996, este conceito é mais que um ideal. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece que deve haver avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os

quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. Nem sempre, no entanto, é fácil passar do papel à ação. Na rede municipal de ensino, a avaliação é tema de diversas ações de conscientização dos professores. Para Antônio Augusto Alves Mateus Filho, assistente do Departamento Geral de Educação (DGED) da Secretaria Municipal de Educação, ainda é preciso aprofundar a discussão do tema, tomar consciência do papel social da escola e ressignificar a avaliação. Se avaliamos para perceber as dificuldades de nossos alunos e ajudá-los a superá-las, sem expô-los, mas elogiando seus progressos e instigando-os a buscar mais e de forma prazerosa o conhecimento, decerto estaremos fazendo crescer sua auto-estima, despertando seu interesse e predispondo-os para a aprendizagem, afirma Antônio, em artigo em parceria com Sandra Maria de Souza Mateus, assistente da Diretoria de Educação Fundamental (DEF).

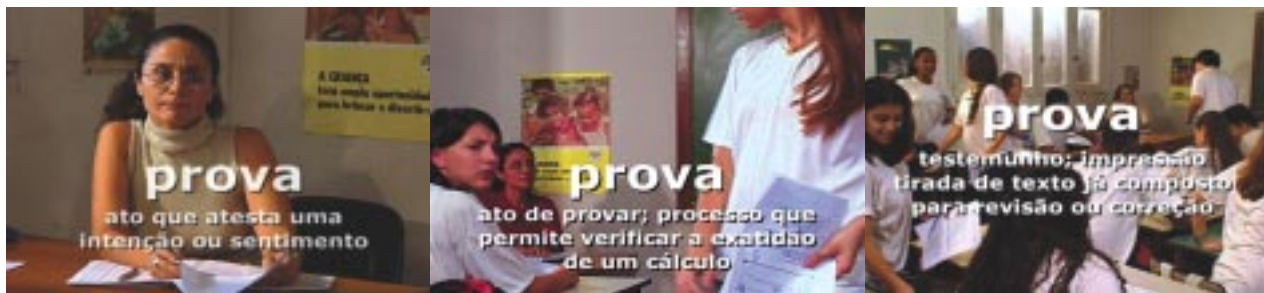
De fato, a reflexão é o melhor caminho. Mesmo sabendo que o ideal é integrar diversos métodos de avaliação como provas, trabalhos individuais e em grupo, debates e apresentações, exercícios em sala, a observação individual de cada aluno e a auto-avaliação, muitos professores ainda não se sentem seguros para abandonar os velhos métodos. Afinal, como traduzir em um conceito exigido pela escola aspectos tão subjetivos envolvidos no processo de aprendizagem de cada aluno? Como considerar seu progresso diário, a participação em sala de aula e a produção de pensamento próprio, em lugar da simples escolha entre alternativas ou da reprodução de respostas prontas, às quais é facilmente atribuído um valor? A psicopedagoga e orientadora educacional Elizabeth Regina Werdt Wakim ressalta que a concepção ideal da avaliação engloba necessariamente a avaliação do próprio professor. É essencial o professor se auto-avaliar, perceber a forma como está promovendo as situações de aprendizagem, se atende ou não às necessidades individuais de cada aluno.

TEXTO

RENATA PETROCELLI

IMAGENS

EPISÓDIO "DIA DE PROVA" DA  
SÉRIE PRESENTE DO FUTURO



Partimos, portanto, de uma situação em que bastava atribuir um valor ao resultado apresentado pelos alunos em uma produção específica para um processo amplo, continuado e profundamente mobilizador, na medida em que gera questionamentos, dúvidas e reavaliações constantes do trabalho do próprio professor. Sem este envolvimento integral, no entanto, a avaliação não atinge seu fim último, que deve ser a promoção do processo de ensino e aprendizagem. De outra forma, perpetua-se a temida prova final como instrumento de poder, ameaça e coerção. A busca pelo conhecimento, em consequência, perde as cores do prazer, da curiosidade e da descoberta, restando apenas a pressão do dever a ser cumprido. A criança se sente pressionada porque vai ser julgada pelo outro. A situação é pior quando este aspecto é reforçado por professores e pela família, destaca Elizabeth.

**Avaliação ressignificada** – Em princípio, não haveria motivos para associar a avaliação ao medo. Mas os temores levantados por um sistema de avaliação equivocado têm reflexos ao longo de uma vida inteira. Elizabeth acredita que eles se manifestem, em maior ou menor grau, em todos os indivíduos adultos, de acordo com suas histórias pessoais. Todo adulto que vai ser testado, em qualquer situação, se vê novamente ansioso. Em algumas pessoas, o medo chega a paralisar. Conheço empresários que não conseguem falar em público, argumenta a psicopedagoga. Repensar a avaliação, portanto, é uma tarefa com consequências indiscutíveis na vida dos cidadãos que estão sendo formados. Para Antônio Mateus, encontrar o tom ideal da avaliação fica mais fácil quando se pensa no papel do professor na educação. Se nossa postura de educador é a de acolher o aluno, de buscar entendê-lo, de descortinar-lhe os horizontes do saber, de mostrar-lhe as possibilidades de alcançar uma vida mais digna e de exercitar um diálogo franco com ele em todos os momentos, estaremos

inspirando confiança e não haverá medos. As atividades de avaliação serão mais um rico momento de aprendizagem, opina Antônio. Assim, o tipo de avaliação que adota diz ao professor o papel que ele está criando para si próprio na vida de seus alunos se é o orientador, aquele que dialoga e constrói junto, indicando possibilidades, ou aquele que oferece respostas prontas e as exige de volta, reduzindo as potencialidades humanas a números ou outras estratégias classificatórias.

Conhecer os alunos e sua situação quanto ao aprendizado é apenas a primeira etapa da avaliação ideal. Depois, é necessário ainda identificar as dificuldades de aprendizagem, questionar os motivos de sua existência, analisar os objetivos propostos e os métodos que foram utilizados para alcançá-los e, se necessário, replanejar o processo de ensino e aprendizagem. À luz destes conceitos, até o erro ganha novo significado. Em lugar de falha a ser apontada e repreendida, ele é uma pista. É o erro quem diz ao professor o que pode ser melhorado e de que modo ele pode ser mais efetivo na constituição de saberes e conhecimentos de seus alunos. O erro tem de ser matéria-prima da aprendizagem, resume Elizabeth. Parece uma diferença simples, mas é um salto indescritível na educação. Enquanto o medo de errar persistir nas escolas, não estarão sendo estimulados a contento a criatividade, a ousadia e a curiosidade dos alunos. Enquanto for mais fácil repetir respostas prontas do que fazer as próprias perguntas, sem medo do ridículo, a escola não fará tudo o que pode por seus alunos. É um trabalho longo, mas já está a pleno vapor na rede municipal de ensino. A reflexão e a revisão constante de métodos são os melhores caminhos. É somente avaliando a si próprios que os professores chegarão às práticas ideais para a avaliação de seus alunos. E estarão, assim, ampliando e qualificando o seu papel no processo de educação dos novos cidadãos. ■

#### SERVIÇO

Entre as ações da SME, desenvolvidas pelo DGED/Setor de Pesquisa em Avaliação e Desempenho Escolar, destacam-se:

- Seminário de Planejamento e Avaliação à Luz da Multieducação, que será realizado em maio;
- Ciclos de palestras, oferecidas de forma descentralizada, duas vezes por ano;
- Boletim *Cartas do Convívio*, distribuído às escolas, com reflexões sobre temas ligados à avaliação, informes e sugestões de leitura;
- *CADERNOS DA AVALIAÇÃO*, publicação bimestral, com um tema a cada número;
- *Relatório do Desempenho Escolar*, que analisa os resultados do trabalho da Rede após cada conselho de classe.

# Novos horizontes em cena



O professor Paulo Roberto Rodrigues com seus alunos de teatro Gilberto, Felipe, Víctor, Rafael, Jonatahan e Anderson da E.M. Uruguai

O desejo de mudança é próprio do ser humano. Alguns mudam a própria vida, outros tentam mudar o mundo. Paulo Roberto Rodrigues é uma dessas pessoas. Professor de educação artística da Escola Municipal Uruguai, em São Cristóvão, ele investiu toda a sua energia na sala de aula, com o objetivo de trazer novas perspectivas aos alunos, muitas vezes submetidos à violência e a situações difíceis. O resultado de tanta dedicação apareceu no ano passado, quando ele conseguiu montar uma mostra de teatro com estudantes do segundo segmento do ensino fundamental da escola.

Rodrigues apresentou técnicas de teatro, mas também procurou trabalhar as emoções e conteúdos escolares dos alunos. Eles tiveram noções de voz, postura e movimento durante as aulas. Ao longo do ano, aprenderam a criar textos, montar figurinos, atuar e se organizar para apresentar os espetáculos no encerramento do segundo semestre. Durante dois meses eles ensaiaram no período das aulas e nos tempos vagos. Al-

gumas peças não foram levadas adiante, mas outras fizeram sucesso. A mostra foi assistida por professores e alunos da escola no dia 13 de dezembro passado, no Sindicato dos Metalúrgicos, em São Cristóvão.

“O mais importante foi trabalhar a criatividade deles. Foi um espaço para os alunos construir. E alguns fizeram isso com muito brilhantismo. O papel da escola é justamente o de abrir horizontes, fazer com que alunos descubram que a vida não é só sexo, *funk* e drogas. O resultado dessas experiências que apresento pode modificar alguma coisa dentro deles e acompanhá-los para o resto da vida”, acredita Rodrigues.

Os temas e as atividades desenvolvidos na mostra foram variados. Desde uma peça criada coletivamente que fala de cidadania e solidariedade até espetáculo de dança com apresentação de coreografias de *funk* e *hip hop*. “Em setembro fechamos o que iríamos fazer. Observei que houve um amadurecimento. Eles me traziam os

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



trabalhos e eu os burilava um pouco, mudava algumas cenas e melhorava o que iam apresentar”, explica o professor.

Alguns alunos não conseguiram expor seus trabalhos, mas Rodrigues reconhece o esforço e dedicação de cada um. “Teve um trabalho muito interessante de três meninas que não conseguiram se encontrar para ensaiar. Mas já valeu pelo aprendizado”, conforma-se. Outra experiência interessante foi a de uma aluna que se encantou com lendas indígenas e escreveu uma peça, que só não foi encenada porque no dia da apresentação sua autora ficou doente.

No fim, depois de muito ensaio e bastante dedicação foram encenadas as peças *Cidadania* e *Os três porquinhos*, uma apresentação de dança e esquetes feitos a partir de cantigas de roda. Com figurinos e cenários montados pelos próprios alunos, os espectadores tiveram a oportunidade de conferir o resumo de todo o trabalho desenvolvido no ano letivo.

**Experiências de sucesso** – As atividades de Rodrigues com alunos da rede municipal vêm desde 1999, quando passou a integrar o corpo de docentes da prefeitura do Rio. De lá para cá, foi o responsável pela apresentação de uma peça que fez sucesso na comunidade e acabou sendo levada a outros espaços, como postos de saúde. *Este mês não veio* trata de gravidez na adolescência, baseada no texto de uma ex-aluna. A encenação fez parte do projeto Momentos de Luz, da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Outra atividade desenvolvida pelo professor foram as oficinas de criação na Escola Municipal General Gomes Carneiro, no Conjunto Habitacional do Cesarão, em Santa Cruz. Em uma dessas atividades, ele lembra que uma aluna se destacou porque descobriu o prazer de escrever. “Ela se sentiu dramaturga. Nunca tinha feito nada parecido e começou a desenvolver textos, a me dar idéias e a criar. Vivia me procurando para mostrar tudo o que tinha feito. É assim que as coisas vão acontecendo. De repente, os alunos descobrem que a vida é gostosa”, entusiasma-se o professor.

Rodrigues tem procurado desenvolver tantas atividades artísticas com os alunos com um único e arrojado objetivo: mudar o mundo. Ele não é ambicioso nem se sente o todo-poderoso. Acredita apenas que se conseguir transmitir alguns valores já é uma grande vitória. “Tudo o que eu gosto de fazer é recriar o mundo através de meus alunos. Se eles conseguirem se tornar construtores de um lugar de paz, amor, cooperação e solidariedade, me sentirei feliz. Isso eu tento trabalhar através do teatro”, completa.

A idéia de levar cultura e experiência aos adolescentes é uma meta do professor de artes cênicas. Segundo ele, sua batalha por um desenvolvimento maior passa não só pelo espaço físico da escola mas também por palcos de peças de teatro e de óperas. Os planos para este ano ainda estão se desenhando na cabeça. Paulo Rodrigues entrou nas salas de aula trabalhando o conceito de felicidade e levando pensamentos e frases de autores famosos. Já é um bom começo para quem acha que o mais importante é conseguir fazer do mundo um lugar melhor para viver. ■

## Os espetáculos de 2005

- **Turma 601** – Peça *Cidadania*. Doze alunos criaram coletivamente o enredo do espetáculo, que contou a história de uma moça assaltada por um grupo de rua e socorrida por outro. A partir dessa experiência, a protagonista passa a ter uma nova visão sobre esses grupos e a atuar como assistente social.

- **Turma 701** – Peça *Os três porquinhos*. Pelo menos oito alunos participaram do trabalho não só como atores, mas também na produção, criação de figurinos e maquiagem. Eles contaram em linguagem simples a clássica história dos três porquinhos que têm suas casas ameaçadas pelo lobo.



- **Turma 704** – Espetáculo de dança. Dez estudantes da turma contaram com o reforço de alunos da turma 501 para a apresentação. Eles inventaram as coreografias, escolheram as músicas e o figurino. As danças foram ao som de *funk* e *hip hop*.

- **Turma 802** – *Performance* poética. Alunos fizeram brincadeiras em cima de uma cantiga de roda.

# Pólos incubadores de talentos

Fazer com que o aluno descubra aptidões e habilidades até então desconhecidas. Este é o grandemérito dos Pólos de Educação Pelo Trabalho (PETs), que atendem a cerca de 12 mil estudantes, divididos pelas 10 CREs do município. Nos pólos, os alunos podem participar de oficinas de pintura em tecido, bordado, culinária, tapeçaria, cartonagem, confecção de bijuterias, fotografia, multimídia, informática, marcenaria e eletricidade, entre muitas outras. As oficinas são realizadas fora do horário de aula do núcleo comum, ministradas duas vezes por semana e duram um semestre. Cerca de 130 professores da Rede se dedicam a este espaço especial, onde novos conhecimentos são constituídos ano após ano.

do como princípio educativo, como ferramenta para a educação e não como um fim em si. É claro que o aluno acaba aprendendo uma determinada função, mas o que importa é toda a discussão suscitada em torno da oficina”, afirma. Ele acrescenta que as oficinas abrem horizontes novos para os seus participantes. “O retorno é altamente positivo por parte dos alunos e dos professores. Estamos, sem dúvida, alcançado os nossos objetivos”, frisa.

Este ano todos os PETs estão trabalhando uma mesma linha temática. O tema escolhido é Origens: África. O objetivo é discutir quem é o povo brasileiro e entender a grande mistura de culturas e informações que compõem a nossa sociedade. As outras unidades subordinadas ao Programa de Extensão Educacional também terão temas correlatos. O Núcleo de Arte tratará de arte africana, enquanto os clubes escolares trabalharão o tema Identidade.

**TEXTO** Para o coordenador do Programa de Extensão Educacional (PEE), Marco Miranda, o nome já diz tudo: são pólos de educação *pelo* e não *para*

**FOTOS** ALBERTO JACOB FILHO o trabalho. “Nos PETs, esse conceito é utiliza-



Este ano a equipe dos PETs está trabalhando em uma mesma linha temática, Origens: África. Na oficina de Artes Plásticas os alunos criam a partir desta idéia



O professor Túlio Marcos cria produtos multimídia com os alunos Igor, Roberto, Lucas e Renan

**Novas possibilidades** – O objetivo do PET não é profissionalizar, mas despertar na criança e no adolescente a vontade e aptidão para desenvolver as atividades extracurriculares oferecidas nos pólos. A intenção é que o aluno possa adquirir autoconhecimento e descobrir novas possibilidades. “As pessoas são diferentes. Uns gostam de trabalhos manuais, outros preferem dança ou bijuteria. O importante é que eles tenham várias opções para poder explorar, descobrir novos gostos e habilidades e trocar experiências com estudantes de outras escolas e de idades diferentes, já que participam das oficinas alunos da quarta à oitava série”, diz Suely Nogueira Beltrão de Araújo, coordenadora do PET Presidente Arthur da Costa e Silva, em Botafogo.

A professora de artes industriais Carmem Flores, do mesmo PET, afirma que os alunos aprendem a se organizar e a canalizar sua energia para atividades criativas. Ela cita o exemplo de uma menina que de tão irrequieta quase foi excluída de uma oficina de pintura. “Era muito impaciente, derrubava tudo, estragava o material. Quase a tiramos da oficina, mas acabou ficando. Mudou por completo. Teve um avanço lento, mas foi progredindo. Hoje, pinta melhor que a irmã, que

está duas séries acima. Na verdade tinha um talento que precisava ser trabalhado com paciência e perseverança”, comenta.

Os alunos do PET Presidente Arthur da Costa e Silva também participaram de oficinas de multimídia que incluem fotografia digital, animação por desenho e massinha e operação e edição de vídeo. O trabalho resultou na produção de curtas-metragens que concorreram aos Festivais do Minuto e BR de Cinema. No carnaval deste ano, os alunos filmaram as evoluções da Escola de Samba Corações Unidos do Ciep durante o desfile das escolas mirins da Rede no Sambódromo. O material gravado será transformado em DVD.

“A garotada adora as oficinas. Este ano criamos até um horário extra para atender aos alunos que cursam o núcleo comum à tarde. Alguns procuram seguir trabalhando com as diferentes mídias depois que fazem as oficinas, outros enveredam pela área de comunicação e outros se aprimoram como pessoas e aumentam seu potencial. Tudo é válido. O importante é despertar neles a vontade de aprender e de se engajar nas atividades que fazemos na oficina”, conclui o professor de multimídia Túlio Marcos. ■



# Exercício de criatividade



O projeto Viajar na Leitura e na Escrita, a Melhor Maneira de Entender o Mundo reúne alunos do ciclo em torno das histórias infantis

Sentadas sob a árvore do quintal, crianças compenetradas, olhos e ouvidos atentos ao que diz a professora. Essa é a hora em que os alunos do primeiro ciclo do Ciep Francisco Cavalcante Pontes de Miranda, em Campo Grande, param para escutar histórias fantásticas saídas de livros infantis. O trabalho é desenvolvido há dois anos pela coordenação pedagógica e pelos professores, para dar suporte ao processo de alfabetização da garotada. O objetivo é superar as dificuldades enfrentadas de forma divertida e educativa.

#### TEXTO

CAROLINA BESSA

#### FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

O projeto Viajar na Leitura e na Escrita, a Melhor Maneira de Entender o Mundo serve de base a oficinas realizadas no período da tarde, já que

a escola funciona em tempo integral. Assim, além do conteúdo trabalhado nas aulas do ciclo, há espaço para repensar tudo o que foi ensinado antes. Com o projeto, os alunos são apresentados a escritores e suas obras, na atividade Meus Autores, Minhas Histórias.

De acordo com a coordenadora pedagógica, Teresinha França Nascimento, não participam das atividades apenas alunos com maior grau de dificuldade para ler e escrever. Os que estão em nível mais avançado também têm presença obrigatória. É uma espécie de monitoria, onde os mais familiarizados com as letras ajudam os outros a se desenvolverem. Com isso, não há exclusão, nada que crie um clima de se-



## Leitura na telinha da TV

paração dentro da turma. A idéia, na verdade, é reduzir o número de crianças nas turmas de progressão.

A criatividade e a vontade de ensinar é o que mais conta na hora de atrair a atenção das crianças. Uma das atividades do ano passado foi desenvolvida com jornais, na oficina No mundo da Mídia, a Mídia no Mundo. A brincadeira também aconteceu na oficina Era Uma Vez, Conte Outra Vez, em que a professora utilizou fantoches e cineminha de sombras para contar histórias para os alunos.

Outra novidade foi o subprojeto Cantando, eu Danço, um trabalho de expressão corporal, que conta com a colaboração dos professores de educação física. "Tudo isso é associado à alfabetização. Eles aprendem ritmo, batem palmas e através desse exercício, contam sílabas", explica a coordenadora. Para ela, é uma oportunidade de os alunos se situarem como indivíduos: eles trabalham a motricidade e resgatam a autoestima, na medida em que perdem a vergonha de dançar. Em alguns casos, se apresentam na quadra da escola, assistidos por grupos de pais.

Outra frente de atuação é a orientação dada às crianças na organização para os estudos. A atividade, denominada Aprendendo eu Pratico, Praticando eu Aprendo, foi desenvolvida para ser uma espécie de estudo dirigido. "Todo esse trabalho vem sendo aperfeiçoado, porque esbarramos em algumas dificuldades. No período da tarde, as crianças estão agitadas, porque já ficaram a manhã toda na escola. Mas conseguimos mudar um pouco as atitudes e hábitos deles. Hoje sabem se comportar como platéia, trabalhamos todo o desenvolvimento cognitivo deles. Podemos levá-los tranquilamente a teatros, lonas culturais, concertos, que vão prestar atenção", afirma Teresinha.

Para este ano, o esforço concentrado continua. Além de aprimorar as oficinas já testadas, a idéia da coordenadora é editar um livro escrito pelos alunos. O trabalho seria um desdobramento do tema Meus Autores, Minhas Histórias, com textos produzidos pelas crianças, trazendo a visão de cada uma delas sobre determinado livro e autor. ■

O incentivo à leitura faz parte da filosofia de trabalho da MULTIRIO. A grade de TV tem um espaço especialmente dedicado a crianças e jovens em idade escolar. O programa *Nós da Escola*, veiculado na Band Rio, Net Educação, Net Rio e TV Alerj inclui o quadro "Na estante", que divulga o acervo disponível nas salas de leitura das escolas municipais.

No quadro, alunos de uma escola da rede municipal e um escritor se encontram. O autor fala um pouco da sua obra e responde a perguntas dos estudantes. Em outras ocasiões, um escritor ou estudioso de literatura é convidado para comentar uma obra do acervo das salas. Atividades desenvolvidas com os alunos nas salas sobre determinada história também são apresentadas.

A programação de maio já está repleta de novidades. No dia 3, o "Na estante" vai homenagear os Irmãos Grimm e no dia 17 haverá um programa especial sobre Machado de Assis. A escritora Adriana Falcão estará na TV no dia 24, falando sobre o livro *Luna Clara e Apolo XI*. O programa *Encontros com a Leitura*, no dia 31, vai tratar das obras de Manuel Bandeira, Clarice Lispector e Ruth Rocha, com depoimentos de Nilma Lacerda e Affonso Romano de Sant'Anna.

A Campanha Permanente de Incentivo à Leitura, com pequenas inserções nos intervalos das programações, tem como inspiração alguns gênios da literatura mundial como Edgar Allan Poe, Hans Cristian Andersen e o escritor brasileiro José de Alencar. Além disso, será lançada durante a programação uma nova série sobre literatura, que terá como foco a palavra escrita.

O *Nós da Escola* é exibido na Band Rio, quartas-feiras, às 14h; na Net Educação (Canal 14), sextas-feiras, às 13h; na Net Rio (Canal 14), quintas-feiras, às 9h30 e na TV Alerj (Canal 12), quintas-feiras, às 8h30 e 21h e sextas-feiras, às 8h.



As crianças têm a chance de trabalhar de forma prática em uma das quatro oficinas do projeto

# Porta de entrada da cidade

Aeroporto Internacional do Rio continua sendo lembrado como Galeão no imaginário coletivo

Em 1962, o Aeroporto Internacional do Galeão virava poesia em *Samba do avião*, declaração de amor e de saudades do Rio de Janeiro composta por Tom Jobim. De lá para cá, muita coisa mudou: o aeroporto ganhou dois novos terminais de passageiros, foi reinaugurado, perdeu parte dos vôos domésticos para o Santos Dumont, recuperou-os depois e retribuiu a homenagem do maestro em 1999, cinco anos depois de sua morte. Hoje, o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro/Galeão – Antônio Carlos Jobim tem a maior pista de pouso do Brasil, com 4.240 metros de extensão, é a principal porta de entrada de turistas estrangeiros no país e tem capacidade de atender até 15 milhões de usuários por ano. Muitos deles, enquanto viam a cidade se descortinar sob as nuvens, já tiveram a oportunidade de ouvir os versos de Tom Jobim, executados por algumas companhias aéreas à aproximação da famosa pista. Outros tantos devem tê-los ao menos imaginado: “Este samba é só porque/Rio eu gosto de você/A morena vai sambar/Seu corpo todo balançar/Rio de sol, de céu de mar/Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão...”

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

DIVULGAÇÃO

A história do aeroporto começou muitos anos antes de o maestro imortalizá-lo em sua obra. Originariamente, galeão é o nome dado a um tipo de embarcação. A região onde hoje se lo-

caliza o aeroporto passou a ser conhecida como Ponta do Galeão em meados do século XVIII, quando lá naufragou uma dessas embarcações. Em 1924, para lá se transferiu a Escola de Aviação Naval, fundada em 1916. Em pouco tempo, além de uma pequena pista, a área contava com hangares, alojamentos de oficiais e praças, oficinas, quartéis e a primeira fábrica brasileira de aviões.

Com a criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941, as instalações do Galeão passaram para a sua jurisdição. Um projeto de 1946 previa a criação do que seria o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. Ele não saiu do papel, mas a companhia aérea Panair do Brasil construiu uma pequena estação de passageiros e o local passou a receber vôos internacionais. Nessa época, a ligação entre a Ilha do Governador e o continente era feita exclusivamente pelo mar e os passageiros eram conduzidos em lanchas. Somente a partir de 1949 foram construídas pontes, facilitando o acesso e abrindo caminho para o efetivo desenvolvimento de um aeroporto civil.

A primeira estação de passageiros definitiva substituiu a da Panair em 1952, ocupando o prédio onde anteriormente funcionava a Escola de Especialistas da Aeronáutica. Foi então inaugurado o Aeroporto Internacional do Galeão, com uma pista de 3.180 metros de extensão. A pista e o terminal de passageiros sofreram uma série de melhoramentos e ampliações ao longo dos anos, sempre acompanhando as exigências das aeronaves, que cresciam na mesma proporção que o número de passageiros. Foi com a chegada dos Jumbo 747 e dos DC-10, aliás, que se evidenciou a necessidade da maior reforma já sofrida pelo aeroporto, na década de 1970.

A solução encontrada para receber as novas aeronaves, com até 400 passageiros, que alterariam significativamente a rotina do local, foi erguer um terminal totalmente novo, no lado oposto da

## Números no ar

- 20 mil pessoas trabalham no aeroporto
- Ele ocupa 14 quilômetros quadrados da Ilha do Governador
- Em 2005, recebeu 8,6 milhões de passageiros
- A pista, de 4.240 metros de extensão, é a maior do Brasil
- O aeroporto está ligado a 32 cidades nacionais e 29 estrangeiras
- Os dois terminais de passageiros têm capacidade de atender 15 milhões de pessoas por ano





O Aeroporto do Galeão em 1953 e nos dias de hoje

pista. Uma nova pista, com 4 mil metros de extensão, também foi construída. O antigo terminal de passageiros foi desocupado e hoje abriga um terminal de cargas. No dia 20 de janeiro de 1977, o aeroporto foi reinaugurado, com capacidade para atender a 6 milhões de passageiros por ano e, desta vez, batizado de Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.

**A força do Galeão** – Ninguém, no entanto, deixou de se referir ao aeroporto como Galeão. O antigo nome já estava tão entranhado no imaginário coletivo que não bastou tirá-lo da fachada do aeroporto. A música de Tom Jobim reforçava o título. Afinal, seria impensável cantar “Dentro de mais um minuto estaremos no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro”... E foi justamente por ocasião da homenagem ao maestro que o nome Galeão voltou à fachada do aeroporto. Em 15 de abril de 1999, a Lei 9.778 estabeleceu que o aeroporto passaria a se denominar Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro/Galeão – Antônio Carlos Jobim.

Pouco tempo depois, em julho do mesmo ano, foi inaugurado o segundo terminal de passageiros. O início das obras tinha coincidido com a ampliação do terminal 1, que passou a ter capacidade para atender a 7 milhões de passageiros por ano. Sendo assim, o aeroporto entrou no século XXI com capacidade de atender a 15 milhões de passageiros por ano. O novo terminal é um dos mais modernos da América Latina e foi construído com base em novas formas de atendimento, novo visual e na utilização de sofisticados equipamentos de segurança.

Enquanto o aeroporto crescia, no entanto, o movimento seguia em direção oposta. Com a transferência de parte dos vôos domésticos para o Santos Dumont, a dificuldade no estabelecimento de conexões acabou levando várias companhias a transferirem o pouso de vôos internacionais para o Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. O pior ano foi 2003, quando se registrou um movimento de apenas 4,9 milhões de passageiros, o mais baixo em 20 anos.

A situação, no entanto, foi revertida graças a um processo de negociação que envolveu a Infraero, o Departamento de Aviação Civil, as companhias aéreas, a prefeitura do Rio de Janeiro e o governo do estado do Rio de Janeiro. Em 29 de agosto de 2004, o Santos Dumont voltou a operar apenas a ponte aérea Rio–São Paulo, abrindo espaço à retomada do movimento de passageiros no Galeão – Antônio Carlos Jobim. Em 2005, o movimento contabilizou 8,6 milhões de passageiros, superando o antigo recorde de 7,3 milhões, registrado em 1989.

Passados 54 anos do início de sua operação oficial, o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro/Galeão – Antônio Carlos Jobim recebe quatro de cada 10 turistas estrangeiros que chegam ao Brasil, segundo dados da Embratur. Ocupa uma área de 14 quilômetros quadrados e abriga restaurantes, hotéis, bancos, correios, berçários, terminais bancários e de informações turísticas. Mais de 20 mil pessoas estão envolvidas em sua operação e manutenção. Milhões de outras podem repetir anualmente os versos de Tom Jobim: “Água brilhando/Olha a pista chegando/E vamos nós/Aterrar”. ■

# Patrimônio musical do Brasil



Villa-Lobos regente em 1955

A obra do maior compositor das Américas está à disposição do público em museu de Botafogo

Ainda em vida, foi considerado o maior compositor das Américas. Compôs cerca de 1 mil obras e reformulou o conceito de nacionalismo na música, tornando-se o seu maior expoente. Uma de suas obras mais conhecidas são as *Bachianas brasileiras*. São nove ao todo e foram compostas entre 1930 e 1945. Dentre as mais famosas estão o *Trenzinho do caipira* – quarto movimento da segunda bachiana, inspirada na música sertaneja e nas modas de viola que Heitor ouvia em suas viagens pelo interior do Brasil, e *Cantilena*, primeiro movimento da quinta bachiana, inspirada nas serestas e dedicada a sua segunda esposa, Arminda.

Heitor Villa-Lobos nasceu no dia 5 de março de 1887, no Rio de Janeiro. Ainda menino, participava de animados encontros musicais organizados pelo pai, músico amador e funcionário da Biblioteca Nacional. Foi o pai, aliás, quem o iniciou em teoria musical e no aprendizado do violoncelo, adaptando uma viola para que Heitor, com seis anos de idade, pudesse chegar a tocar o instrumento, considerado muito grande para crianças.

Quando sua família se mudou para Minas Gerais, conheceu algo diferente de tudo o que já tinha ouvido e que mais tarde influenciaria toda a sua obra: a música do sertão, as modas de viola e a música folclórica. Em 1905, depois de perder o pai, decidiu viajar e conhecer o Brasil. Entusiasmou-se com a cultura popular, mas nunca deixou de estudar: para onde quer que fosse, levava consigo o *Cours de composition musicale*, do compositor francês Vicent D' Indy, que se tornou a sua maior influência, juntamente com Wagner e Puccini.

Estreou publicamente como compositor em uma série de concertos em 1915, no Rio de Janeiro, e aos poucos ficou conhecido nacionalmente. Em 1922, convidado pelo romancista Graça Aranha, participou da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, onde apresentou algumas de suas composições. Mas foi vaiado pelo público, considerado tão conservador quanto os críticos que o atacavam nos jornais. Um ano depois, um grupo de amigos o incentivou a viajar à Europa, para mostrar a sua música e travar contato com as vanguardas musicais do continente. O grupo conseguiu

TEXTO

JOANNA MIRANDA

(PEDAGOGA DO NÚCLEO DE  
PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS)

FOTO

ACERVO DO MUSEU VILLA-LOBOS



que a Câmara dos Deputados aprovasse um projeto para para financiar a sua ida a Paris.

Ficou um ano na capital francesa, realizou concertos e conheceu compositores contemporâneos como Ravel e Varèse, que se tornaram seus amigos. Fez turnês pela Europa e conquistou admiradores. Quando voltou ao Brasil em 1930 realizou um concerto na cidade de São Paulo e conseguiu que a Secretaria de Educação do estado aprovasse um projeto seu de educação musical para crianças. Ficou na cidade por dois anos por conta dessa atividade. Em 1931 organizou uma concentração orfeônica chamada Exortação Cívica, com a participação de cerca de 12 mil vozes.

O êxito de sua atividade em São Paulo o levou a ser convidado pelo educador Anísio Teixeira, então secretário de Educação do Rio de Janeiro, para coordenar a criação da Sema (Superintendência de Educação Musical e Artística), responsável pela introdução do ensino musical e coral nas escolas. Obteve também o reconhecimento do presidente Getúlio Vargas, que o nomeou supervisor de educação musical em todo o país.

Nesse período produziu o *Guia prático* – uma série de peças musicais de caráter pedagógico,

regeu a primeira apresentação da *Missa em si menor*, de Bach, compôs as *Bachianas brasileiras* e criou o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Em 1940 regeu um coral formado por 40 mil estudantes no estádio de São Januário, no Rio de Janeiro.

Ganhou fama no Brasil e no exterior. Em 1943 recebeu o título doutor *honoris causa* em música pelas Universidades de Nova York e de Los Angeles e no ano seguinte partiu para uma grande turnê pelos Estados Unidos, onde foi aclamado como o maior compositor das Américas. Naquele país submeteu-se, em 1948, a uma cirurgia para a extração de um tumor cancerígeno. Recuperado da cirurgia, voltou a Paris, onde regeu a Orquestra da Radiodifusão Francesa, com a qual gravou entre 1954 e 1958. Essa produção foi lançada em disco pela EMI e tornou-se fundamental para o entendimento da obra do compositor. Em setembro de 1959, entretanto, o câncer voltou a atacar. Heitor Villa-Lobos morreu no dia 17 de novembro, aos 72 anos. No ano seguinte à sua morte, seu acervo musical passou a ser guardado pelo Museu Villa-Lobos, inaugurado em 22 de junho de 1960 por determinação do presidente Juscelino Kubitschek e dirigido durante 25 anos por sua fundadora, Arminda Villa-Lobos. ■

#### SERVIÇO

Museu Villa Lobos  
Rua Sorocaba, 200, Botafogo  
Informações: 2266-1024  
[www.museuvillalobos.org.br](http://www.museuvillalobos.org.br)

## Concertos didáticos

Quando foi criado, em 1960, o Museu Villa-Lobos ocupava as instalações do antigo Palácio da Cultura, no Centro do Rio. A partir de 1986, passou a funcionar no bairro de Botafogo, em um casarão do século XIX, tombado em 1982 pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) – atual Iphan.

Além de desenvolver projetos nas áreas cultural e educativa, realizando festivais, concursos nacionais e internacionais, concertos didáticos e atendimento à pesquisa, o Museu conta com um acervo com partituras manuscritas e impressas, correspondências, documentos, recortes de jornais, programas de concertos nacionais e internacionais, fotografias, filmes, discos, livros, objetos de uso pessoal, instrumentos musicais e homenagens e condecorações que registram a vida e a obra do grande compositor e maestro.

Inspirado na idéia de Villa-Lobos, da utilização da música no processo educativo, o Museu promove o projeto Miniconcertos



Didáticos, que já se tornou uma das principais atividades da instituição. Através de recitais, realizados sob a orientação de técnicos do Museu, jovens instrumentistas em fase de profissionalização levam a música de Villa-Lobos e de outros compositores a alunos da rede pública e particular de ensino, visando à divulgação e à valorização da cultura musical brasileira. Os miniconcertos são realizados nas dependências do Museu, ao longo do ano letivo, mediante agendamento feito pelo professor.



### Temporada de concertos

A Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) iniciou sua temporada 2006 de concertos. Em abril, a OSB fará duas apresentações no Teatro Municipal. A primeira, no dia 15, em que o maestro Roberto Minczuk e a orquestra executarão obras de Mendelssohn, Rachmaninoff, Chopin, Mozart e Shostakovich. O concerto faz parte da série de apresentações que acontecem sempre aos sábados às 16h e contam com pianistas convidados. Esta apresentação marcará a estréia em terras

cariocas da premiada pianista ucraniana Valentina Lisitsa. No dia 29, sábado, às 16h, a OSB, regida pelo maestro Minczuk, tocará *Assim falou Zaratustra*, de Strauss, e a *Sinfonia n° 40*, de Mozart. Em maio, no dia 18, às 20h, a orquestra será regida pelo maestro Ronald Zollman, que virá ao Rio pela primeira vez, e contará com a participação da violoncelista Sol Gabetta, que fará sua primeira apresentação no Brasil. Maiores informações podem ser obtidas no [site www.osb.com.br](http://www.osb.com.br).

### Cultura brasileira

Interessados em concorrer ao Prêmio Érico Vannucci Mendes podem se inscrever até o dia 12 de maio. As inscrições devem ser encaminhadas ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Serviço de Prêmios, SEP 507, bloco B, sala 207, CEP 70740-901, Brasília, DF. O prêmio é concedido a quem se destaca em estudos e pesquisas publicados sobre cultura brasileira, com ênfase em trabalhos realizados sobre o tema Preservação da Memória Nacional, especialmente as tradições populares e os traços culturais das minorias étnicas e sociais. Mais informações na página [www.cnpq.br/sobrecnpq/premios/ericovannucci/index.htm](http://www.cnpq.br/sobrecnpq/premios/ericovannucci/index.htm).

### Conexão de saberes

A Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) sediará seminário do projeto Conexões de Saberes entre os dias 22 e 24 de maio. O tema será Universidade, Sociedade e Produção de Conhecimento. O endereço da escola é Campus do Gragoatá, Bloco E, 4º Andar, São Domingos, Niterói. Outras informações podem ser obtidas na página [www.uff.br/proex/conexoesdesaberes.htm](http://www.uff.br/proex/conexoesdesaberes.htm).

### García Lorca na UFF

O Teatro da UFF apresenta no dia 20 de abril, às 20h, a peça *Bodas de Sangue*, dirigida por Leticia Guimarães. O espetáculo é uma adaptação da obra do autor espanhol Federico García Lorca. A entrada é franca. O teatro fica no Centro Cultural de Artes da UFF, Rua Miguel de Frias 9, Icaraí, Niterói.

### Paisagens do Rio

Até o dia 23 de abril, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) exibe a primeira exposição individual no Rio da artista plástica Dora Longo Bahia. A mostra *Escalpo carioca e outras canções* reúne 11 obras: sete pinturas, duas videoinstalações e duas fotografias. A maioria das obras em exposição é inédita e foi realizada nos últimos dois anos. *Escalpo carioca* é o nome de uma série de quatro pinturas em grandes dimensões que reproduz a paisagem do Rio de Janeiro.

### Convênio com universidade

O servidor municipal conta com mais uma instituição particular de ensino onde pode fazer cursos universitários com redução nas mensalidades, extensiva, inclusive, aos dependentes. Trata-se do Instituto Superior de Ensino Celso Lisboa (Rua Vinte e Quatro de Maio, 797, Sampaio – tel.: 2501-4722), que oferece descontos de 50% para o servidor; de 30% para seus dependentes diretos; e 20% para seus netos. Com mais este convênio, são agora 17 estabelecimentos conveniados com o município do Rio para a concessão de bolsas de estudo a funcionários.

### Violência doméstica e sexual

O Seminário Nacional de Experiências na Atenção à Violência Doméstica e Sexual será realizado entre os dias 24 a 26 de maio, em Curitiba, Paraná. O evento, promovido pela Prefeitura Municipal de Curitiba, tem apoio do Ministério da Saúde (Área Técnica de Saúde da Mulher) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Para mais informações, acesse a página [www.curitiba.pr.gov.br/saude/sms/seminario/seminario\\_violencia.htm](http://www.curitiba.pr.gov.br/saude/sms/seminario/seminario_violencia.htm).

O destaque da Tudoteca deste mês vai para dois livros lançados recentemente pela Artmed Editora – um sobre o desenvolvimento matemático na criança e, o outro, sobre a cultura dos indivíduos. Destaque também para a cinebiografia de Heitor Villa-Lobos, cuja trajetória está registrada no *Perfil* desta edição.

## Livros

### **A cultura dos indivíduos: dissonâncias culturais e distinção**

Si Bernard Lahire

Artmed Editora, 2006

O autor propõe transformar a visão corriqueira que o leitor tem das relações com a cultura. Assim, Lahire torna manifesto um fato fundamental: a fronteira entre a alta cultura e a subcultura ou a simples diversão não separa apenas as classes sociais, mas partilha as diferentes práticas e preferências culturais dos mesmos indivíduos em todas as classes da sociedade. Surge, então, uma nova imagem do mundo social, que não subestima as singularidades individuais e evita a caricatura cultural dos grupos. Destinado a educadores e sociólogos, o título combina sólida argumentação e vasto material empírico.

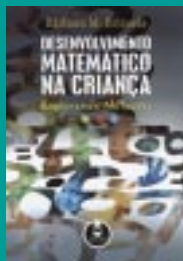
### **Corpo, arte e clínica**



Tania Mara Galli  
Fonseca e Selda  
Engelman (orgs.)  
Editora UFRGS,  
2004

Os textos reunidos  
pelas psicólogas

Tania Mara Galli Fonseca e Selda Engelman nesta obra foram apresentados em abril de 2003 no curso Corpo, Arte e Clínica, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo da produção desse rico material foi reunir e debater formas de expressão vindas da arte, ciência e da vida.



### **Desenvolvimento matemático na criança – explorando notações**

Bárbara M.

Brizuela

Artmed Editora,  
2006

A obra examina a importância do entendimento e da aprendizagem de notações matemáticas para o desenvolvimento das crianças na disciplina, utilizando-se de uma série de entrevistas e conversas com alunos da educação infantil e ensino fundamental. O texto é organizado cronologicamente por idade em cada capítulo, o que auxilia a compreensão do conteúdo matemático tratado nas notações. Além disso, traz conteúdo prático a ser utilizado em sala de aula.

### **Pequena história da escrita**

Sylvie Baussier

Edições SM, 2006

Certo dia, um sumério precisou contar suas ovelhas. Séculos depois, um egípcio quis registrar as preces que cantava aos deuses e, em outra parte, um maia escreveu datas em um calendário. Em cada canto do mundo, o homem inventou símbolos para conservar as palavras. Esses são alguns relatos que reconstituem a invenção e a evolução da escrita através da história do homem.

### **Discurso e mídia – a cultura do espetáculo**

Maria do Rosário Gregolin (org.)

Claraluz Editora, 2003

Este livro traz artigos que analisam o papel da mídia na produção e circulação de sentidos, focalizando a espetacularização da cultura promovida pelos meios de comunicação.

## Vídeos

### **Villa-Lobos, uma vida de paixão**

Dir. Zelito Viana

127 min., 2000

Cinebiografia de Heitor Villa-Lobos, o mais importante compositor das Américas. A história começa com o compositor, já velho, saindo para um concerto de gala no Teatro Municipal, onde seria homenageado. É a última vez que o maestro sai de casa com vida. Seu olhar é febril e atento e a partir desta cena e de outras do mesmo concerto, vão surgindo lembranças de sua vida.





canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
<b>BandRio</b>	14h-14h30	<b>Crônicas da minha escola</b> Série sobre Educação <b>Acervo MULTIRIO</b>	<b>Br@nché</b> (Língua Francesa) <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>Nós da Escola</b> Temas: Educação Infantil, Mídia e Educação, entre outros.	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Rui de Oliveira, entre outros.	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente	9h-9h30 <b>Abrindo o Verbo**</b> Temas: Informática, Artes visuais, Alimentação e Audiovisual.	<b>É Tempo de Diversão Aventuras Cariocas**</b>
	14h30-15h	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	9h30-10h <b>Natureza e tecnologia**</b> Série que relaciona o mundo natural com as invenções humanas.	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Rui de Oliveira, entre outros.
<b>Net - canal 14</b>	7h30-8h	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Arte e Cultura.
	8h-8h30	<b>Séries e documentários</b> Expresso Brasil Papagaios amarelos Olho vivo	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary	<b>Séries e documentários</b> Arte e Matemática É tempo de diversão Escritores, testemunhas do seu tempo	<b>Séries e documentários</b> Mesa Brasileira Olho Vivo	<b>Cantos do Rio</b> Carlos Lyra e Edu Lobo, entre outros.	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: O mundo encantado de Richard Scary	<b>Mesa Brasileira</b> Série sobre cultura e hábitos alimentares
	8h30-9h	<b>É tempo de diversão</b> Escritores, testemunhas do seu tempo	Meu pequeno planeta O divertido mundo dos bichos			<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Rui de Oliveira, entre outros.	Meu pequeno planeta O divertido mundo dos bichos	<b>Atletas do Rio*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b> <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Aventuras Cariocas**</b>
	9h-9h30	Aqui no meu país Religiões do mundo	Lucas e Lucinda Matilda	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Informática, Artes visuais, Alimentação e Audiovisual.	<b>Nós da Escola</b> Temas: Educação Infantil, Mídia e Educação, entre outros.	<b>Crônicas da minha escola</b> Série sobre Educação	Lucas e Lucinda Matilda	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Informática, Artes visuais, Alimentação e Audiovisual.
	9h30-10h			<b>Séries e documentários</b> Aqui no meu país Religiões do mundo Papagaios amarelos	<b>Arte e Matemática</b> Série que relaciona as duas áreas	<b>Olho Vivo</b> Série sobre Ciência e História, Natural		<b>Nós da Escola</b> Temas: Educação Infantil, Mídia e Educação, entre outros.
	10h-10h30	<b>Cantos do Rio</b> Carlos Lyra e Edu Lobo, entre outros.	<b>Noah e Saskia</b> Série australiana	<b>Atletas do Rio*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b> <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Aventuras Cariocas**</b>	<b>Cantos do Rio</b> Carlos Lyra e Edu Lobo, entre outros.	<b>Expresso Brasil</b> Série sobre cultura e turismo	<b>Noah e Saskia</b> Série australiana	<b>Cantos do Rio</b> Carlos Lyra e Edu Lobo, entre outros.
	10h30-11h	<b>Acervo MULTIRIO**</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO**</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Rui de Oliveira, entre outros.
	11h-11h30	<b>Videoteca**</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca**</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca**</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca**</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca**</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca**</b> Séries e documentários para gravar	<b>O mundo secreto dos jardins**</b> Série sobre os habitantes desse ambiente
<b>Net Educação</b>	12h-12h30	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>As formas do invisível</b>	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>Reflets- Curso de Francês</b> <b>As formas do invisível</b>	<b>Br@nché</b> (Língua Francesa) <b>Gerúndio e Cacófato*</b>	<b>** Programas especiais:</b> <b>BandRio</b> - Dia 16, das 9h às 9h30 - <i>O mundo encantado de Richard Scary e As religiões do mundo</i> ; dia 22, das 9h às 10h - <i>O mundo cabe numa cadeira de barbeiro</i> . <b>Net Canal 14</b> - Dia 16, das 11h às 11h30 - <i>O mundo encantado de Richard Scary e As religiões do mundo</i> ; dia 17, das 10h30 às 11h30 - <i>Acime do peso</i> ; dia 18, das 10h30 às 11h30 - <i>O mundo cabe numa cadeira de barbeiro</i> ; dia 19, das 10h às 10h30 - <i>Expresso Brasil</i> ; dia 19, 20, 21, 22, 23 e 24, das 11h às 11h30 - <i>Brasil em movimento</i> ; dia 23, das 8h30 às 9h - <i>Showa Shintan e Os amigos de Kwan Ming</i> .	
	12h30-13h	<b>Arte e Matemática</b> Série que relaciona as duas áreas	<b>Mesa Brasileira</b> Série sobre cultura e hábitos alimentares	<b>Olho Vivo</b> Série sobre Ciência e História Natural	<b>Atletas do Rio*</b> <b>Gerúndio e Cacófato*</b> <b>Memórias Cariocas*</b> <b>Aventuras Cariocas**</b>	<b>Séries e documentários</b> Aqui no meu país Religiões do mundo Papagaios amarelos	<b>Net Educação</b> - Dia 20, das 12h30 às 13h - <i>Showa Shintan e Os amigos de Kwan Ming</i> . Para mais informações, consulte <a href="http://www.multirio.gov.br">www.multirio.gov.br</a> .	
	13h-13h30	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Rui de Oliveira, entre outros.	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente	<b>Crônicas da minha escola</b> Série sobre Educação	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Informática, Artes visuais, Alimentação e Audiovisual.	<b>Nós da Escola</b> Temas: Educação Infantil, Mídia e Educação, entre outros.		
	13h30-14h	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.	<b>Rio, a Cidade!</b> Temas: Fotografia, Cinema, OSB, entre outros.		

\*Interprogramas MULTIRIO - Atletas do Rio (Jovens e esportes), Gerúndio e Cacófato (Dicas de Português), Memórias Cariocas (Histórias do Rio).  
Programação sujeita a alterações.



# ADORE NÃO LITIGAR



*...ou Histórias de amor.*

**ZOOLOGICO DO RIO.**  
Um mundo sem preconceitos.





## NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

**Ludicidade e som**

RIO

**PREFEITURA**  
EDUCAÇÃO MULTIRIO

central de atendimento: (XX21)2528 8282 • [ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br)